

A Igreja ante a escalada da ameaça comunista

Plínio Corrêa de Oliveira

Ouçamos Dom Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia, Mato Grosso, em seu livro “Tierra Nuestra, Libertad”¹.

Consideremos primeiramente sua maldição a todas as propriedades, bem como a todas as cercas que as protegem e de algum modo as simbolizam:

*Malditas sejam
todas as cercas!
**Malditas todas as
propriedades privadas**
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
compostas habilmente por umas poucas mãos
para amparar cercas e bois
e tornar escrava a Terra
E escravos os humanos!
Outra é a Terra nossa, homens, todos!
A humana Terra livre, irmãos!*²

Tal brado de ódio às propriedades bem se conjuga com um brado de ódio aos proprietários:

*“Prostitutos presunçosos
da Mãe comum,
seus malnascidos!
Malditas sejam
as vossas cercas,
as que vos cercam
por dentro,*

¹ Editorial Guadalupe, Buenos Aires, novembro de 1974, 152 páginas, com um “Poema-prólogo” altamente elogioso de Ernesto Cardenal.

O autor do prólogo, confessadamente ‘*comunista cristão*’, é um padre nicaragüense muito popular junto à esquerda ‘*católica*’ internacional (cfr. Ernesto Cardenal habla: ‘*Yo soy um comunista-cristiano*’, reportagem de Ruben Lau no jornal chileno “La Nación” de 24-12-72. Allende estava então no Poder).

A obra de D. Casaldáliga é um conjunto de poemas em seus idiomas maternos, o catalão e o espanhol, e em português, alguns inéditos, outros já publicados na Espanha em forma de livro, em 1965 (“*Llena de Dios y de los hombres*”) e 1971 (“*Clamor elemental*”).

² Poesia intitulada “*Tierra nuestra, libertad*”, pág. 129 (o destaque em negrito é nosso):

“Malditas sean / todas las cercas! / Malditas todas las / propiedades privadas / que nos privan / de vivir y de amar! / Malditas sean todas las leyes, / amañadas por unas pocas manos / para amparar cercas y bueyes / y hacer la Tierra esclava / y esclavos los humanos!

Outra es la Tierra nuestra, hombres, todos! / La humana Tierra libre, hermanos!”

*gordos,
sós,
como porcos cevados;
fechando,
com seus arames e seus títulos,
fora do vosso amor
os irmãos!”³*

Atentemos agora para esta “*Canção da foice e do feixe*”, escrita em louvor de um Monsenhor – o próprio D. Casaldáliga⁴ - “*colhendo o arroz dos posseiros de Santa Teresinha, perseguidos pelo governo e pelo Latifúndio*”:

*“Com um calo por anel,
monsenhor cortava arroz.*

***Monsenhor “martelo
E foice”?***

Chamar-me-ão subversivo.

E lhes direi: eu o sou.

Por meu povo em luta, vivo.

Com meu povo em marcha, vou.

Tenho fé de guerrilheiro

e amor de revolução.

*E entre Evangelho e canção
sofro e digo o que quero.*

Se escandalizo, primeiro

queimei o próprio coração.

Ao fogo desta Paixão,

Cruz de Seu próprio Madeiro.

Incito à subversão

Contra o Poder e o Dinheiro.

Quero subverter a Lei

Que perverte o Povo em grei

E o governo em carniceiro.

(Meu Pastor se fez Cordeiro

Servidor se fez meu Rei).

³ Poesia intitulada “*Tierra nuestra, libertad*”, págs. 128 e 129:

“*Prostitutos creídos / de la Madre común, / sus malnascidos! / Malditas sean / las cercas vuestras, / las que os cercan / por dentro, / gordos, / solos, / como cerdos cebados; / cerrando, / con su alambre y sus títulos, / fuera de vuestro amor / a los hermanos!*”

⁴ Em espanhol, o Bispo não recebe o título de “*Dom*”, como em português, mas de “*Monsenhor*”.

*Creio na Internacional
Das frentes soerguidas.
Da voz de igual a igual
E das mãos entrelaçadas...
**E chamo à Ordem de mal,
e ao Progresso de mentira.**
Tenho menos paz que ira.
Tenho mais amor que paz.*

*...Creio na foice e no feixe
destas espigas caídas:
uma Morte e tantas vidas!
Creio nesta foice que avança
sob este sol sem disfarce
e na comum Esperança –
tão recurvada e tenaz!⁵.*

Brasília é por certo uma cidade controvertível e controvertida. Mas quem, mesmo entre os que fazem objeção à cidade, aceitaria de subscrever estes versos sem compostura cristã, dos quais se exala o hálito da subversão?

*“Brasília era, foi!
já forma os seus ocasos nas nuvens totais,
e a pureza do sertão
como uma menina
intrometida
no cimento e no asfalto.*

*Cidade-céu-e-jardim
em outros dias,*

⁵ Poesia “Canción de la hoz y el haz”, págs. 117 e 118 (o destaque em negrito é nosso):

*“Com um callo por anillo, / monseñor cortaba arroz. / **Monseñor “martillo / y hoz”?***

Me llamarán subversivo. / Y yo les diré: lo soy. / Por mi pueblo em lucha, vivo. / Com mi pueblo en marcha,
voy.

Tengo fe de guerrillero / y amor de revolución. / Y entre Evangelio y canción / sufro y digo lo que quiero. / Si escandalizo, primero / quemé el próprio corazón / al fuego de esta Pasión, / cruz de Su mismo Madero.

Incito a la subversión / contra el Poder y el Dinero. / Quiero subvertir la Ley / que pervierte al Pueblo en grey / y el Gobierno em carnicero. / (Mi Pastor se hizo cordero. / Servidor se hizo mi Rey).

*Creo em la Internacional / de las frentes levantadas. / de la voz de igual a igual / y las manos enlazadas... / **Y llamo al Orden de mal, / y al Progreso de mentira. / Tengo menos paz que ira. / Tengo más amor que paz.***

... Creo en la hoz y em el haz / de estas espigas caídas: / una Muerte y tantas vidas! / Creo en esta hoz que avanza / bajo este sol sin disfraz / y en la común Esperanza - / tan encurvada y tenaz!”

Esta poesia é reproduzida no livro de D. Casaldáliga, “Yo creo en la justicia y en la esperanza!” (págs. 58 e 59), recém-publicado, de que adiante falaremos, e no qual fica claro que o “monsenhor martelo e foice” a que ele se refere é ele próprio.

A Igreja ante a escalada da ameaça comunista – apelo aos Bispos Silenciosos

*Brasília é hoje apenas
ante-sala
estruturas,
audiência sem ouvidos,
março sem primavera.*

*E a alma do sertão
Agora
Está em minhas mãos,
O Povo está em meu pranto, como um feto
Importuno
A quem se nega o sol,
A liberdade,
A humana voz,
A vida ...*

*(Brasília bem nascida,
mal criada,
formosa prostituta!)”⁶.*

A mesma impressão brutal provocada pelas poesias anteriores se desprende dos seguinte versos:

*“Mas para viver,
eu já quero ter
a parte que me cabe
no latifúndio seu:
que a terra não é sua
seu doutor Ninguém!
A terra é de todos
porque é de Deus!*

*[...] Mas para viver,
terra eu quero ter.
com Incra ou sem Incra,
com lei ou sem lei”⁷*

⁶ Poesia “Brasília era ...”, pág. 116:

“Brasília era, fue! / Ya fueron sus ocasos en las nubes totales, / y la pureza del sertão / como una niña / entrometida / en el cemento y el asfalto. /

Y el alma del sertão / ahora / está en mis manos. / El Pueblo está en mi llanto, como un feto importuno / a quien se niega el sol, / la libertad, / la humana voz, / la vida ... /

(Brasília bien nacida, / mal criada, / hermosa prostituta!)”

⁷ Poesia “Cemitério de sertão”, pág. 124. O texto original é em português (o destaque em negrito é nosso).

Não está muito longe da famosa exclamação de Proudhon “*a propriedade, eis o roubo*”, a seguinte descrição de uma fazenda, provavelmente na infeliz Diocese de São Félix do Araguaia:

*“E a Fazenda além, faceira, impune,
com a carne desnuda e provocante
de suas telhas ao sol!
(Fortaleza feudal, cingida de cruzeiros sulistas.
Parque de tubarões, engordados na segregação...)
Terra de quem? Verde terra infinita,
roubada e abençoada pela legislação!
... Para os peões errantes do Norte,
assalariada prisão”*⁸

Lidos estes versos, não causam a menor surpresa ao leitor as estrofes de saudade dirigidas ao guerrilheiro comunista tristemente célebre “Che” Guevara:

*“Lembrarão que sou um padre “novo”.
Pouco me importa!
Somos amigos
e falo contigo agora
através da morte que nos une;
estendendo-te um ramo de esperança,
todo um bosque florido
de perenes jacarandá ibero-americanos,
querido Che Guevara!”*⁹

* * *

Por que tantas transcrições, quando uma só delas basta para enfadar qualquer leitor não engajado – pelo menos de espírito – na subversão?

É que para o brasileiro mediano, mal informado sobre a infiltração subversiva em meios católicos, cada uma dessas poesias de tal maneira aturde, que parece incrível. Ele se põe então a interpretar o texto de modo absolutamente inverossímil, titubeando explicações que lhe morrem nos lábios. Tenta ele, assim, fugir a uma conclusão que aflora de cada linha do que lê.

Ajudando o leitor a reconhecer e aceitar a dolorosa evidência, não nos parece demais transcrever ainda outros textos do Prelado.

⁸ Poesias “*Nueva colonización*”, pág. 49, da série “*Clamor elemental*” (o destaque em negrito é nosso):

*“Y la “Fazenda” allá, coqueta, impune, / con la carne desnuda y provocante / de sus tejas al sol! / (Fortaleza feudal, acordonada de cruzeiros sulistas. / Parque de “tiburones”, engordados em la segregación...) / Tierra de quién? / Verde tierra infinita / **robada y bendecida por la legislación!** / ... Para los peones fluctuantes del Norte, / asalariada prisión”.*

⁹ Poesia “*Che Guevara*”, pág. 40, da série “*Clamor elemental*”:

“Recordarán que soy un cura “nuevo”. / Me importa todo igual! / Somos amigos / y hablo contigo ahora / a través de la muerte que nos une: / alargándote un ramo de esperanza, / todo un bosque florido / de iberoamericanos jacarandás perennes, / querido Che Guevara!”

1 . D. Casaldáliga vai além do comunismo

D. Pedro Casaldáliga acaba de publicar um novo livro contendo sua autobiografia, no qual corrobora de modo bastante incisivo a posição que assume nas poesias acima transcritas (“*Yo creo en la justicia y en la esperanza!*”, Editorial Española Desclée de Brouwer, Bilbao, 1976 – na coleção “*El Credo que ha dado sentido a mi vida*”).

Qual é “o *Credo que deu sentido*” à vida de D. Casaldáliga?

Ele mesmo responde:

“*No Credo que deu sentido à sua vida*, Javier Domínguez [outro autor da mesma coleção] – *cuja fé na Justiça compartilho plenamente – escreve:*

“O Pe. Díez Alegría escandalizou muito os ouvidos de alguns quando escreveu: “*Marx me levou a redescobrir Cristo e o sentido de sua mensagem*”. Em mim foi exatamente o contrário: o estudo da Bíblia e do movimento revolucionário cristão me levou à compreensão do materialismo histórico”.

“*Quanto a mim – prossegue D. Casaldáliga – a vida diária à luz da Fé, o quotidiano e crescente contacto com os pobres e oprimidos – pelo imperativo da Caridade – me levaram à compreensão da dialética marxista e a uma metanóia política total*” (livro citado, pág. 188 – o destaque em negrito é nosso. O termo grego *metanóia* significa *transformação, mudança de vida, conversão*).

Colocando na mesma plana o seu “*Credo*”, o de J. Domínguez e a declaração escandalosa do Pe. Díez Alegría, D. Casaldáliga deixa ver claramente para que rumos o levou sua “*metanóia política total*”.

D. Casaldáliga historia da seguinte maneira sua caminhada ideológica rumo ao marxismo (ele era menino quando irrompeu a revolução comunista na Espanha e seus pais eram católicos de direita):

“*Passei da visão horrorizada do anarquismo em minha infância, para as opções do socialismo. Pelo contato com a dialética da vida, pelas exigências do Evangelho e também por algumas razões do marxismo*” (pág. 180 – os destaques em negrito são nossos).

Assim, ele começou seu itinerário imaginando-se guiado por duas estrelas geminadas: Jesus Cristo e Marx.

Conduzido “por algumas razões do marxismo”, não espanta que D. Casaldáliga tenha chegado a um programa sócio-político eivado de influência marxista. Diz ele:

“*O socialismo que eu propugno, com tantos outros irmão na Fé e na paixão pela Justiça – como o melhor instrumento sócio-político, no momento presente, para a transformação da sociedade humana – não é precisamente o Regime tal, nem menos ainda, tal Partido. Não é a Rússia – é claro – nem Cuba, nem a China, nem a Argélia, nem o Chile de Allende. É algo deles, entretanto*” (pág. 180 – o destaque em negrito é nosso).

Aparecem nesse texto algumas confusas restrições ao comunismo. Elas não provêm de que o Bispo considere o comunismo por demais extremado e não queira chegar até lá. Pelo contrário, ele não adere inteiramente ao comunismo, porque considera que este é insuficiente. D. Casaldáliga quer ir além: “*Procurando ser cristão, sei que posso e devo ir mais longe que o comunismo*” (pág. 180).

Apesar dessas restrições, D. Casaldáliga chegou a ser um entusiasta do comunismo: e disto conserva restos: “*Por outro lado, faz já muitos anos que me entusiasma bem pouco a metrópole do comunismo internacional. Depois de ler Soljenitsin, por exemplo, ninguém pode ter muitas ilusões a respeito do paraíso soviético*” (pág. 180).

Entretanto, D. Casaldáliga ainda acha o regime soviético, apesar de todas as denúncias do escritor Soljenitsin, preferível à atual ordem de coisas no Ocidente: “*Entusiasma-me muito menos,*

*contudo, os paraísos capitalistas, onde a Sibéria da fome ou da escravidão ou da loucura do consumo são o **habitat** da maioria. O povo-povo – não os mandarins, não os reverendos, nem as damas, nem as famílias de posição, nem os donos – ganhou com Fidel ou com Allende ou com Mao”* (págs. 180-181).

Note o leitor que, na frase rebuscada, o sujeito do verbo “ganhou” é “*povo-povo*”... Isto é: “*o povo-povo ganhou com Fidel, com Allende ou com Mao*”. – passando do regime atual para o soviético, o ganho do “*povo-povo*” é indiscutível, segundo D. Casaldáliga.

Ele mesmo explica o sentido desse “ganho”. É que, quanto mais distribuída estiver a riqueza, maior é a vantagem do “*povo-povo*”: “*Se a Política é a arte do Bem Comum, penso que o Bem Comum será tanto mais legítimo quanto mais “comum” seja*” (pág. 181).

O ideal que a Igreja tem em vista em matéria de organização social e econômica não consiste de nenhum modo em um regime no qual só haja uma classe. Pelo contrário, a Igreja propugna pela coexistência harmônica e proporcionada de classes sociais e econômicas desiguais¹⁰.

D. Casaldáliga pensa de maneira diametralmente oposta. O ideal, para ele, é uma sociedade tão radicalmente igualitária, que chega a ser uma utopia inatingível. Nem sequer a Rússia soviética consegue realizá-la. Mas cumpre que o regime comunista, instalado dentro do possível, tenda continuamente a superar-se a si mesmo rumo a essa igualdade impossível, a qual, ela sim, entusiasma D. Casaldáliga. Nesse sentido é que ele, como há pouco vimos, desejaria ir além do próprio regime soviético...

“Para mim – explica ele – [...] socialização seria a maior participação possível de todos os cidadãos, dentro da maior igualdade possível, em todos os bens “da natureza e da cultura”.

“Disse “possível”[...]: e, em todo caso [...] minha esperança é realmente utópica, porque não acabará de realizar-se nunca aqui, na cidade terrena....

*E, entretanto - acrescento agora – toda vida cristã deve ser “realização dessa Utopia. Só caminhamos para a Cidade celeste na medida em que procuramos instaurá-la utopicamente aqui, nas embrutecidas ruas da cidade terrena. Quem se nega a construir aqui embaixo o mundo do Homem Novo, [...] está se negando a construir o Reino de Deus, que é também comunidade fraterna, igualdade efetiva, **comunhão real de bens**. O Mandamento Novo é **radicalmente** socializador. O Evangelho é a subversão dos interesses, porque é a demolição dos ídolos. **Quem pode encaixar as classes sociais na Constituição do Reino?**”* (págs. 181-182 – os destaques em negrito são nossos).

O utopismo igualitário de D. Casaldáliga é tal que o faz imaginar o Reino dos Céus de modo exatamente oposto ao que ensina a Igreja. Para ele, os Anjos e os Santos formam em torno de Deus a sociedade igualitária perfeita, para a qual na terra se deve tender à maneira de uma utopia.

Na realidade, a Igreja ensina que os Anjos e os Santos constituem, abaixo de Deus, uma sociedade – perfeita, sim – não porém por ser igualitária, mas por ser hierárquica, isto é, composta

¹⁰ Para não alongar as citações, limitemo-nos a transcrever um texto de Leão XIII e outro de Pio XII.

Leão XIII: “*É impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível. É, sem dúvida, isto o que desejam os socialistas, mas contra a natureza todos os esforços são vãos. Foi ela, realmente, que estabeleceu entre os homens diferenças tão múltiplas como profundas: diferenças de inteligência, de talento, de habilidade, de saúde, de força: diferenças necessárias, de onde nasce espontaneamente a desigualdade das condições. Esta desigualdade, por outro lado, reverte em proveito de todos, tanto da sociedade como dos indivíduos; porque a vida social requer um organismo muito variado e funções muito diversas, e o que leva precisamente os homens a partilharem estas funções é, principalmente, a diferença de suas respectivas condições*” (Encíclica “*Rerum Novarum*”, de 15-5-189, A.A.S, vol. XXIII, pág. 648).

Pio XII: “*Num povo digno de tal nome, todas as desigualdades que derivam, não do arbítrio, mas da própria natureza das coisas, desigualdades de cultura, de haveres, de posição social – sem prejuízo, bem entendido, da justiça e da caridade mútua – não são absolutamente um obstáculo à existência e ao predomínio de um autêntico espírito de comunidade e fraternidade*” (Radiomensagem de Natal de 1944 – “*Discorsi e Radiomessaggi*”, vol. VI, págs. 239-240).

de vários coros angélicos ¹¹, nos quais os homens que se salvarem deverão preencher os tronos deixados vacantes quando da subversão de Satanás e dos anjos que o acompanharam.

No utópico céu igualitário de D. Casaldáliga, não surpreende que ele imagine ver instalado o líder igualitário “Che” Guevara: “*Rezo pelo “Che”. Sinto que ele, a esta hora, já conhecerá a força suprema da violência do Amor. [...] algum dia escreverei um poema a meu amigo Guevara. Deus o tenha em sua Paz!*” (pág. 189).

* * *

Sirva ainda de documento o seguinte trecho da peça teatral representada por ocasião da inauguração da Catedral de São Félix, em agosto de 1975. Afirma ele um curioso nexos entre a abolição da batina e o ingresso de tantos clérigos contemporâneos, na luta de classes:

“**Padre.** – *Tiramos a batina [acaba de tirar e fica com ela na mão]. Isso, é verdade, era de menos... Tiramos a capa do orgulho e do poder... e entramos na vida do povo: começamos a entrar na vida do povo!*

[...] Largamos a aliança com os poderosos [joga a batina nos pés do Poderoso] e ganhamos a inimizade de tudo quanto é poder – o Dinheiro, a Política, as Armas – e caímos na mesma luta e na mesma perseguição em que vocês, irmãos, viviam, dia a dia, século após século...

[...] [Acabada a última estrofe, o Bispo – ele próprio – interrompe]:

Bispo. – *[A todos:] Irmãos, o “teatro” acabou..., mas a vida continua. O que acabamos de ver e escutar, não é fantasia apenas. É a vida da gente, é a Fé da gente*” (apud “Alvorada”, folha bimensal da Prelazia de São Félix, agosto de 1975).

A leitura de mais de um texto deste gênero torna inviáveis as veleidades de defesa de qualquer leitor, porque lhe abre os olhos para todo o sempre, sobre o trágico de certos aspectos da situação eclesial do Brasil de hoje.

2 . Como pôde um Bispo chegar a tal ponto?

Nem em seu conteúdo, nem em sua forma – diga-se de passagem – estes textos têm valor. O pensamento deles poderia normalmente escorrer da pena de qualquer agitador popular, razoavelmente alfabetizado. A modesta chama que os anima não vai além da que inspira os pequenos literatos de subúrbio.

Despertam, porém os pobres tópicos que acabamos de transcrever, uma série de perguntas de importância transcendente.

Com efeito, como pôde um sucessor dos Apóstolos, um Bispo da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, chegar a tais afirmações, a tais atitudes? Ou então, como pôde um clérigo portador de tais opiniões, e capaz de tais atitudes, chegar a Bispo da Igreja de Deus?

Mais ainda. Como não rechar o que pode resultar para os fiéis do Araguaia, da atuação de um Bispo com tal mentalidade? Tanto mais quanto muitos desses textos, como afirma o próprio D. Casaldáliga na nota preliminar de seu livro de poemas, são “*nascidos em Mato Grosso*”.

* * *

¹¹ Ensina Leão XIII: “*Assim como no Céu [Deus] quis que os coros dos Anjos fossem distintos e subordinados uns aos outros, e na Igreja instituiu graus nas ordens e diversidade de ministérios de tal forma que nem todos fossem apóstolos, nem todos doutores, nem todos pastores (1 Cor. 12, 27): assim estabeleceu que haveria na sociedade civil várias ordens diferentes em dignidade, em direitos e em poder, a fim de que a sociedade fosse, como a Igreja, um só corpo, compreendendo um grande número de membros, uns mais nobres que os outros, mas todos reciprocamente necessários e preocupados com o bem comum*” (Encíclica “*Quod Apostolici Muneris*”, de 28-12-1878, AAS., vol. XI, pág. 372).

Não nos detenhamos aqui. Como reage a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil diante desta escandalosa explosão do espírito subversivo na pena de um Bispo católico? Vendo-se tão claramente infiltrada pela subversão, como se defende a Hierarquia eclesiástica brasileira?

Resposta incômoda de dar. Pois não consta que a CNBB tenha desautorado publicamente, de qualquer forma, estas poesias. Acresce que, como é óbvio, haveriam elas de penetrar em nosso território, nele produzindo efeitos deletérios, uma vez que o idioma espanhol é largamente compreendido entre nós, e algumas são mesmo em português. Nem pelo menos tentou a CNBB dar a estas poesias uma interpretação – inevitavelmente das mais forçadas – que procurasse enquadrá-las na ortodoxia.

Nada. As musas que inspiraram o Bispo de São Félix do Araguaia não passaram pelo dissabor de ver reprimidos pelas autoridades da Igreja os frutos tóxicos que fizeram brotar na mente do irrequieto Prelado.

Pelo contrário, a imprensa de todo o Brasil informou a existência de uma tensão, que se vem prolongando ao longo dos últimos anos, entre D. Casaldáliga e o Governo Federal. Foi o suficiente que a tensão tivesse início para que desde logo levantassem a voz, em favor dos Bispo, numerosos Prelados, alguns da maior projeção.¹²

¹² Essa tensão ocorreu a propósito de um litígio de terras no povoado de Santa Teresinha, na Amazônia matogrossense, em zona sob a jurisdição de D. Casaldáliga.

Extrapolaríamos de nosso tema considerando aqui o mérito de tal questão.

Limitemo-nos, pois, a lembrar que em 1960, a Companhia Imobiliária do Vale do Araguaia adquirira do Governo do Estado do Mato Grosso extensa área naquela zona, para fins de colonização. Em 1966, essa área foi vendida à CODEARA (Companhia de Desenvolvimento do Alto Araguaia). Por motivos circunstanciais, surgiu um conflito entre esta companhia e ocupantes que ali residiam anteriormente à venda da área pelo Governo do Estado do Mato Grosso.

Desde 1965, era vigário de Santa Teresinha o missionário francês Pe. Francisco Jentel, o qual se colocou radicalmente contra a CODEARA, e em favor dos mencionados ocupantes. O Sacerdote teve todo o estímulo de D. Pedro Casaldáliga, notadamente na Carta Pastoral de sagração, em outubro de 1971, na qual o Bispo-Prelado de São Félix afirma: “*O que vivemos nos deu a evidência da iniquidade do latifúndio capitalista, como pré-estrutura social radicalmente injusta; e nos confirmou na clara opção de repudiá-la. Sentimos, por consciência, que também nós devemos cooperar para a desmitificação da propriedade privada. E que devemos urgir – com tantos outros homens sensibilizados – uma Reforma Agrária justa, radical, sociologicamente inspirada e realizada tecnicamente, sem demoras exasperantes, sem intoleráveis camuflagens*” (“Jornal da Tarde” de São Paulo, de 27-5-72).

Em seu último livro, d. Casaldáliga reafirma a inteira consonância da atuação do Pe. Jentel com suas diretrizes (cfr. “*Yo creo en la justicia y en la esperanza!*”, págs. 58, 62, 63, 108).

A atuação do Pe. Jentel foi considerada subversiva pelo Governo Federal, que o expulsou do Brasil por decreto de 15 de dezembro de 1975.

Da parte dos elementos exponenciais da CNBB, não foram regateadas as manifestações de solidariedade ao Sacerdote francês que o Brasil rejeitava como subversivo, e *ipso facto* ao Prelado espanhol que lhe dera todo o apoio. Sem embargo do que, D. Casaldáliga sente na CNBB o terreno tão firme debaixo dos pés, que no seu livro “*Yo creo en la justicia y en la esperanza!*” (pág. 60) ainda ousa reclamar contra a insuficiência do apoio que o órgão episcopal lhe presta!

O Secretário-Geral da CNBB, D. Ivo Lorscheiter, declarou que a Igreja apoiava a referida Carta Pastoral de D. Casaldáliga, sublinhando que se tratava de um documento limpo, preciso e imparcial... (“O Jornal” do Rio de Janeiro, 12-11-71).

Onze Bispos e Prelados da Amazônia reunidos em Belém do Pará, tomando conhecimento da Carta Pastoral de D. Casaldáliga, enviaram-lhe um telegrama no qual testemunham o seu louvor e solidariedade “*ante trabalho tão expressivo*” (“Folha de S. Paulo”, 13-11-71).

A cúpula da CNBB, D. Aloisio Lorscheider, D. Avelar Brandão Vilela e D. Ivo Lorscheiter desenvolveram todos os esforços para evitar a expulsão do Pe. Jentel, bem como a de D. Casaldáliga, a cujo respeito corriam também pela imprensa boatos de expulsão do País (cfr. “O Estado de S. Paulo”, 2-6-73 e 27-9-75; “Lar Católico” de Juiz de Fora, 2-11-75).

À vista de tudo isto, vem à mente a pergunta extrema: qual é afinal a posição de nossa Hierarquia ante a subversão?

Perguntas como as que acabamos de enunciar, fazem-nas, na atual conjuntura, um número já grande – e sempre crescente – de católicos brasileiros.

3 . “A Igreja do Silêncio no Chile – A TFP andina proclama a verdade inteira”

A obra “La Iglesia del Silencio em Chile – La TFP proclama la verdad entera”¹³ dá resposta a análogos problemas, que alcançaram no país irmão uma dramaticidade inigualada. Verdadeiro estudo histórico e doutrinário baseado em mais de 200 documentos, o livro da valorosa TFP chilena nos mostra que a quase totalidade do Episcopado e uma impressionante parte do Clero daquele país coadjuvaram de modo decisivo, nas vitórias como na adversidade, a política do líder marxista Salvador Allende, o Presidente da República tragicamente malogrado.

De início, bafejaram a fundação e o progresso do Partido Democrata Cristão, coligação de uma grande maioria de católicos tradicionais e centristas com uma minoria de católicos “modernizados” e esquerdistas: a maioria centrista era a massa, e a minoria esquerdista o fermento adrede colocado.

Como era fácil prever, essa minoria – em cujas mãos estavam a iniciativa ideológica, a direção tática e a força de propulsão do Partido Democrata Cristão – haveria de conduzir a maioria

Solidarizaram-se ainda com D. Casaldáliga e o Pe. Jentel, D. Fernando Gomes, Arcebispo de Goiânia, e outros catorze Bispos da Regional Centro-Oeste da CNBB (cfr. “Arquidiocese em Notícias”, órgão da Coordenação Arquidiocesana de Pastoral, Belo Horizonte, no. 32, março de 1972; “O Popular” de Goiânia, 8-7-72).

D. João de Sousa Lima, Arcebispo de Manaus, e mais dezessete Bispos do Acre, Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará e Minas Gerais, reunidos em Manaus no dia 15 de agosto de 1973, enviaram uma enfática carta de apoio a D. Pedro Casaldáliga, solidarizando-se ao mesmo tempo com o Pe. Jentel (cfr. “Alvorada”, folha bimensal da Prelazia de São Félix).

A mesma folha “Alvorada” informa que no dia 19 de agosto de 1973 estiveram reunidos em São Félix onze Arcebispos e Bispos de diversos pontos do País – Vitória, João Pessoa, Bauru (SP), Crateús (CE), Viana (MA), Ipameri (GO), Goiás, Jales (SP), São Mateus (ES), e o Bispo Auxiliar de Porto Nacional (GO), Marabá (PA) – para concelebrarem com D. Pedro Casaldáliga. Enviaram representantes o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns e os Bispos de Santos (SP), Porto Nacional (GO), Uberlândia (MG), Joinville (SC), Volta Redonda (RJ), Lins (SP), e o Bispo Auxiliar de São Luís. Ao final do ato, todos os Arcebispos e Bispos presentes, bem como os representantes dos que não puderam comparecer, assinaram uma carta aos seus irmãos no Episcopado de todo o Brasil para lhes comunicar sua decidida solidariedade ao Bispo-Prelado de São Félix do Araguaia.

D. Eugenio Salles, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, honrou o Pe. Jentel comparecendo pessoalmente ao seu embarque no Aeroporto do Galeão, quando foi expulso do Brasil (cfr. “O Estado de S. Paulo”, 17-12-75).

À vista das poesias e dos outros documentos de responsabilidade de D. Casaldáliga que aqui publicamos, qualquer pessoa, ainda que abstraindo completamente do mérito da pendência entre a CODEARA e os ocupantes das terras, não pode deixar de ter as mais graves suspeitas de que o Bispo-Prelado de São Félix do Araguaia, e seu representante natural, Pe. Jentel tenham enxertado um sentido subversivo na ação defensiva que vinham desenvolvendo em favor dos ocupantes.

Bem entendido, esse sentido subversivo, tão saliente no Bispo de São Félix do Araguaia, tem que saltar aos olhos de quem lhe conhece a ação, ou com ele tem trato pessoal. Espanta e desconcerta que D. Pedro Maria Casaldáliga disponha, nas fileiras de nosso Episcopado, de tão grande número de admiradores, os quais o apoiam com calor, inclusive frente aos mais altos poderes da República. Entretanto, tal é a realidade que os fatos narrados deixam evidente.

Segundo consta, não é só nas fileiras do Episcopado brasileiro que D. Casaldáliga tem firmes apoios.

Ao que assevera “O São Paulo”, órgão oficioso da Arquidiocese paulopolitana, o **Cardeal-Arcebispo D. Paulo Evaristo Arns, ao chegar de Roma, declarou ter ouvido de Paulo VI, a propósito dos fatos do Araguaia, a seguinte frase: “Mexer com D. Pedro Casaldáliga, bispo de S. Félix, seria mexer com o próprio Papa”** (“O São Paulo”, 10 a 16-1-76).

¹³ Editado pela **Sociedade Chilena de Defesa da Tradição, Família e Propriedade**, Santiago, janeiro de 1976, 468 páginas.

por veredas socialistas, rumo ao comunismo. A maioria, sim, desprevenida e confiante, em cujas fileiras a direção do PDC ia multiplicando os ativistas do esquerdismo “ardito”.

No sinuoso caminhar para a vitória do marxismo, os esquerdistas da DC contaram com dois fatores favoráveis.

Um destes foi o apoio que o processo de esquerdização paulatino da DC veio recebendo de crescente número de Arcebispos e Bispos, Sacerdotes e Religiosos. Dado que a maioria centrista da DC era fundamentalmente católica, compreende-se que tal apoio ainda tenha tido uma eficácia ímpar.

Outro fator muito considerável foi a atuação do Sr. Eduardo Frei, levado pela própria DC à presidência da República no período de 1964 a 1970. O líder máximo do pedecismo chileno se houve com todo o tino e empenho para preparar a ascensão de um sucessor marxista. Esse sucessor foi precisamente Salvador Allende. Frei passou por isto para a História como o Kerensky chileno. Serviu de ferrete para assim lhe marcar merecidamente a frente um livro escrito por um jovem brasileiro, Fábio Vidigal Xavier da Silveira, livro esse que, com o desenrolar dos fatos, iria ter fulgurante efeito na vida pública do país irmão¹⁴.

A conjugação destes dois possantes fatores foi decisiva para a vitória do candidato marxista.

Por ocasião da agitada eleição deste, e durante todo o seu governo, foi-lhe dado o apoio ostensivo e caloroso da quase totalidade da Hierarquia. O justo descontentamento da população faminta, ameaçada de miséria e caos, se avolumou ao longo do governo de Allende sob as vistas glacialmente indiferentes e não raras vezes hostis dos Prelados que, em impressionante número, apoiavam o presidente marxista. A gloriosa revolução, militar e popular, que se alçou contra Allende, foi obstada quanto possível pelos referidos Hierarcas¹⁵.

Desaparecido o presidente marxista, grande parte da Hierarquia veio resguardando de todos os modos os restos da situação derrocada. E presentemente propicia quanto pode a reaglutinação destes restos, obviamente com vistas a uma nova investida vermelha.

Esses fatos, quase incríveis de tão aberrantes, demonstra-os exuberantemente o livro da TFP chilena, que em seus últimos capítulos estuda a situação canônica na qual se puseram os Pastores de tal maneira divorciados de sua sagrada missão.

O resumo da obra apresentado na parte final deste volume sob o título “**A Igreja do Silêncio no Chile – A TFP andina proclama a verdade inteira**”, contém apenas o indispensável para pôr ao corrente do drama religioso chileno a parcela do público brasileiro que, na trepidação da vida contemporânea, não dispõe de lazeres para a leitura acurada do texto integral.

A TFP brasileira põe entretanto à disposição do público que queira conhecer na íntegra a brilhante e destemida obra de sua co-irmã, as várias edições – chilena, argentina, colombiana e norte-americana – que dela se fizeram¹⁶.

¹⁴ A obra, intitulada justamente “Frei, O Kerensky chileno”, foi publicada originalmente em “Catolicismo”, no. 198-199, de junho-julho de 1967, e teve nesse mesmo ano mais duas edições em forma de livro. Espirou-se depois por toda a América Latina e atingiu a Europa, num total de 17 edições, superando largamente a casa dos cem mil exemplares. O autor era diretor da TFP brasileira e faleceu em dezembro de 1971.

¹⁵ Numa linha que não difere substancialmente da de seus irmãos no Episcopado chileno, D. Casaldáliga assim insulta o golpe militar que derrubou o comunismo no país andino: “**Allende foi assassinado no Chile. E Paulo VI lamentou “o trágico golpe militar”. O Brasil apressou-se a reconhecer – em primeiro lugar – o novo Governo ditatorial-militar do Chile. A liberdade está se tornando difícil nesta América jovem e irreversível**” (“*Yo creo en la justicia y en la esperanza!*”, págs. 97 e 98 – o destaque em negrito é nosso).

¹⁶ Os livros podem ser encontrados na Editora Vera Cruz Ltda., à Rua Dr. Marinico Prado, 246, CEP 01224, São Paulo, da 10 às 13 horas e das 14,30 às 18 horas, ou solicitados pelos telefones 220-6045, 220-6765 e 220-8460.

4 . Utilidade da obra chilena para o público brasileiro

Que especial razão tem um católico brasileiro para se interessar particularmente pela leitura desta obra chilena? Já falamos de passagem, a respeito de uma analogia de situação com o Brasil. Aprofundemos esse ponto.

As poesias do Bispo de São Félix do Araguaia levantam, como dissemos, o problema da posição da Hierarquia e do Clero brasileiros ante a subversão.

O estudo do que ocorreu em um país próximo ao nosso, irmão pela raça e pela Fé, oferece importantes elementos para se compreender, por via de comparação, a gravidade dessa questão. E para pôr em realce, ademais, quanto é necessário que os católicos brasileiros tenham o espírito alertado para o perigo que constitui, em nosso País, a subversão enquanto acobertada pela Hierarquia eclesiástica ou até nela encastelada.

* * *

Já que o proveito do livro da TFP chilena para um leitor brasileiro consiste em tal comparação, um panorama geral do problema, como se formou, como existe e como se avoluma no Brasil, pode ser útil para este fim. É o que passamos a expor.

5 . Missão da Hierarquia no combate ao comunismo: dois princípios básicos

Antes de entrar na matéria, recordemos dois princípios de importância transcendental:

a) **O comunismo enquanto adversário da Igreja.** – Por suas metas, métodos e táticas, o comunismo é uma força internacional que trabalha para a completa destruição da Igreja e do que resta de Civilização Cristã. E o faz tão eficazmente que a destruiria no próprio dia de hoje se não fosse a assistência divina prometida à Igreja imortal. A vigilância e a combatividade de todos os católicos – e portanto também da Hierarquia – se devem empenhar antes de tudo na luta até a final derrota deste adversário.

À Hierarquia eclesiástica toca, pois, ser eminentemente anticomunista, isto é, compete-lhe instruir e formar os fiéis contra o comunismo, denunciando e refutando os erros deste, mostrando-lhes quanto são perniciosos e dignos de execração, e incitando-os a engajar na luta contra o comunismo toda a sua influência, seu tempo e sua dedicação.

Compete igualmente à Hierarquia dar seu mais decidido apoio e estímulo às organizações públicas ou privadas que lutam contra o comunismo, pois são aliadas naturais da Igreja.

B) **O comunismo é também o inimigo máximo de todas as pátrias,** pois prega a absorção de todas elas em uma república universal utópica. E também porque a cultura, a ordem política, social e econômica deduzidas da doutrina comunista são diametralmente opostas à verdade. De onde decorre que, na medida em que o comunismo se vai apossando das mentes e influenciando a vida de um país, nesta mesma medida lhe vai aniquilando as forças, perturbando os rumos e desordenando a vida. A experiência dos países dominados pelo comunismo o comprova.

Um êxito da ação comunista em determinado país pode ser mais perigoso para a sobrevivência e a grandeza deste, do que o êxito de algum exército invasor.

A Hierarquia católica tem o grave dever de ajudar com todas as forças o país confiado a seu pastoreio, em caso de agressão estrangeira. Ela o tem *a fortiori* ante a penetração comunista, doutrinária ou a mão armada.

Enunciado assim estes princípios, firmamos ao mesmo tempo os mais altos critérios para a análise da atuação da Hierarquia eclesiástica em face da investida comunista no Brasil.

6 . Primórdios da infiltração esquerdista no Brasil católico

A história da infiltração esquerdista no Brasil católico se compõe de várias etapas:

Começemos pelo que se chamaria de pré-história dessa infiltração.

Até cerca de 1948, a atitude da Hierarquia e dos fiéis ante o perigo comunista no Brasil foi claramente inspirada pelos dois princípios enunciados no item 5. Isto é, consistiu em lutar com vivo empenho, com altaneria e eficácia, contra as investidas do comunismo, ideológicas ou a mão armada.

Posteriormente, essa situação se deteriorou. Nas suas grandes linhas, a posição da Hierarquia, do Clero e do laicato católico continuou fiel a si mesma¹⁷.

Isto é, **enquanto inimigo que atacava a Igreja abertamente e de fora para dentro**, o comunismo continuou a ser rijamente repelido. Mas o mesmo já não se pode dizer da reação católica contra uma nova frente de ataque aberta pelo comunismo: era a infiltração discreta na própria Igreja, **para atacá-la por dentro**.

Essa infiltração era propiciada pela “*politique de la main tendue*”, manobra comunista que de há tempos se desenvolvia na Europa. Os efeitos dessa manobra só nos anos 40 se fizeram sentir no Brasil. Contra ela, já Pio XI¹⁸ e Pio XII¹⁹ haviam alertado Bispos e fiéis.

Baseava-se esta manobra na insidiosa afirmação de que o estado de espírito fundamentalmente hostil das autoridades soviéticas em relação à Igreja passara por considerável atenuação. A tal ponto que, no clima psicológico assim criado, era fácil discernir com a devida clareza um dado até então mal focalizado: sem embargo de muitas e fundamentais discrepâncias entre a Igreja e o comunismo, uma e outro combatiam um adversário comum, isto é, o capitalismo, apontado como responsável pela situação dura e imerecida em que se encontravam as massas operárias das nações ocidentais.

¹⁷ Esta afirmação continua real em larga medida até nossos dias. Como adiante veremos, não se pode afirmar que a maior parte da Hierarquia eclesiástica, do Clero e do laicato brasileiros seja pró-comunista. Nem mesmo que seja ativamente conivente com ele.

O mesmo não se pode dizer de uma minoria ativa de Bispos, Sacerdotes e dirigentes leigos que, servidos por excelente propaganda, utilizando eficazes táticas de ação, e instalados em importantes posições, conduzem o processo de esquerdização da Igreja, e através deste processo ajudam possantemente outro processo algum tanto mais amplo, o de esquerdização de todo o Brasil.

Pelos cargos-chave que ocupam, pela propaganda que os bafeja, pela vivacidade incontestável de sua ação, os membros dessa minoria dão a boa parte do público a impressão errada de que representam legitimamente a Igreja inteira, e com isto multiplicam indefinidamente sua nocividade.

¹⁸ Encíclica “*Divini Redemptoris*”, de 19 de março de 1937, AAS., vol. XXIX, págs. 95 e 96.

¹⁹ A Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício, por mandato e com a autoridade do Sumo Pontífice Pio XII, promulgou um decreto no dia 1º de julho de 1949, no qual proscribe categoricamente o comunismo e toda colaboração com ele:

I. – É lícito aos católicos dar seu nome e prestar sua ajuda aos partidos comunistas? Resposta: *Não é lícito, o comunismo é materialista e anticristão; com efeito, os chefes comunistas, inclusive quando dizem por palavras que não combatem a religião, na realidade, contudo, tanto pela doutrina como pela ação, mostram-se inimigos de Deus, da verdadeira Religião e da Igreja de Cristo.*

II. – É lícito editar, difundir ou ler livros, revistas, jornais e folhetos que defendem a doutrina ou atividades comunistas, ou neles escrever? Resposta: *Não é lícito; está proibido ipso jure (cânon 1399 do Código de Direito Canônico).*

III. – Os fiéis que, consciente e livremente, tenham incorrido nos atos de que tratam os números I e II, podem ser admitidos aos Sacramentos? Resposta: *Não podem ser admitidos, em conformidade com o princípio geral de que se deve negar os Sacramentos àqueles que não estão nas devidas disposições para recebê-los.*

IV. – Os fiéis que professam a doutrina materialista e anticristã dos comunistas e principalmente aqueles que a defendem e divulgam, incorrem, ipso facto, na excomunhão reservada de modo especial à Sé Apostólica, como apóstatas da Fé católica? Resposta: *Sim, incorrem*” (AAS., vol. XLI, pág. 334. – Colocamos cada resposta logo em seguida à respectiva pergunta para maior facilidade de compreensão).

Nada impedia, pois – sopravam intelectuais comunistas nos ouvidos receptivos de intelectuais da esquerda católica – que a Igreja, protetora natural dos pobres e oprimidos, cooperasse com os Partidos Comunistas dos diversos países, na luta contra esse adversário.

Em tal luta podiam portanto os católicos cerrar a “*main tendue*” que, como fiéis aliados, os comunistas lhes apresentavam.

De início, a “*mão estendida*” dos comunistas encontrou, a par de uma desconfiança generalizada da grande maioria católica, a simpatia de pequenos grupos de católicos europeus, intelectuais e homens de ação.

Mas aos poucos a “*politique de la main tendue*” foi ganhando terreno. E assim, a médio prazo, produzia resultados importantes.

Essa manobra envolvente proporcionava aos comunistas as seguintes vantagens:

a) Colaboração dos católicos na luta de classes. Essa colaboração era alimentada pelos comunistas sob o pretexto imediato de remediar injustiças reais ou aparentes, entretidas sempre com o fim efetivo de destruir a hierarquia social e abolir a desigualdade das classes, mesmo quando justa e proporcional;

b) Ensejado pela colaboração, o estabelecimento de contatos cordiais entre católicos e comunistas. Pois poucas coisas unem tanto os homens quanto o trabalho e a luta conjunta contra um inimigo comum. Desta cordialidade de contatos haveria de derivar necessariamente uma decadência do ardor na reação dos católicos contra o comunismo (e, bem entendido, não o arrefecimento do ódio anti-religioso dos comunistas);

c) “Conversões” mais ou menos completas de certos católicos para o credo vermelho propiciadas por esta nova cordialidade. Desses “conversos – e os houve – alguns se passaram inteira e abertamente para as fileiras comunistas. Foram os menos nocivos à Causa católica. Outros, os semi-“conversos”, ficariam na Igreja como valiosas cabeças de ponte a serviço da ação comunista, cabeças de ponte conscientes ou não, mas sempre altamente aproveitáveis para futuras jogadas do comunismo.

Em todo caso, como acabamos de ver, no mero campo doutrinário as fronteiras entre catolicismo e comunismo continuavam firmemente vincadas para a imensa massa dos católicos. A “*politique de la main tendue*” só tinha por efeito imediato de certa monta, criar disposições temperamentais novas de determinados católicos em relação ao comunismo.

Escasso de frutos doutrinários, este efeito gerava outros maiores no terreno da ação prática. Pois ele abria campo para uma enorme ação divisionista entre os anticomunistas.

Até então a Igreja não deixara de denunciar os erros e injustiças dos regimes capitalistas. Porém tendo em vista que o comunismo pregava e punha em prática erros e injustiças muitíssimo mais graves, não duvidava em – sem prejuízo das necessárias ressalvas – aliar-se ao mesmo tempo com os capitalistas na luta contra o comunismo.

A “*politique de la main tendue*” preparou uma reviravolta nesta situação. Como se o capitalismo fosse tão censurável quanto o comunismo, ou mais ainda, **um número de católicos, que iria crescendo ao longo dos anos, começava a desviar as armas até então voltadas contra o comunismo, e as apontaria em direção ao capitalismo.** Dividia-se assim o “*front*” anticomunista:

a) As forças até então aliadas contra o comunismo se fracionariam: e **a divisão, penetrando até entre os católicos, os fragmentaria em duas correntes.** Uma continuaria firme na antiga posição anticomunista; a outra passaria a servir ao jogo comunista.

b) Entre essas duas correntes, **a maioria católica, perplexa, titubeante, arrefecia gradualmente na luta contra o comunismo.**

Como manobra divisionista, a **“politique de la main tendue”** obtivera a prazo médio, em benefício de Moscou, um resultado que é impossível não qualificar como muito importante²⁰.

* * *

Através de que fatos concretos esta manobra, realizada em todos os países do Ocidente, se efetivou no Brasil?

O filósofo neo-escolástico Jacques Maritain, então no auge de sua influência, apoiou na França a **“politique de la main tendue”**. Esse gesto teria inevitável repercussão nos pequenos grupos de intelectuais e homens de ação aninhados nos **“Centros Dom Vital”**, os quais existiam então nas mais importantes cidades do Brasil. Sob a influência de Tristão de Athayde, presidente do Centro Dom Vital do Rio de Janeiro, se constituiria aos poucos em todo o Brasil, freqüentemente com apoio em Centros Dom vital de outras cidades, uma agitada corrente de maritainistas. Todos ou quase todos curvaram disciplinadamente a cabeça e aderiram à **“politique de la main tendue”** quando começou a ser preconizada como novo oráculo, pelo intelectual francês.

Contudo, muitos outros católicos previdentes também intelectuais e homens de ação, dentro e fora dos Centros Dom Vital, nas Congregações Marianas e em outras organizações católicas, discordaram. Começou então nas revistas e jornais católicos uma ardorosa e inevitável polêmica que se alastraria rapidamente para temas filosóficos e teológicos mais conexos ou menos, em que também se dividiam maritainistas e não maritainistas.

No Rio de Janeiro, a principal figura da reação contra Maritain foi o culto e intrépido jesuíta Pe. Arlindo Vieira. Em São Paulo, o hebdomadário **“Legionário”**, sob minha direção,

²⁰ Até hoje, os comunistas exploram as vantagens obtidas para sua causa por esta viravolta de católicos e notadamente de Autoridades eclesíásticas para lutarem ao lado deles contra o capitalismo. Eis um trecho do conhecido teórico contemporâneo do comunismo, o francês Roger Garaudy: *“Meus encontros com Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, e suas cartas fraternais, foram para mim um fermento indispensável para superar meus dogmatismos e meus sectarismos antigos, especialmente quando ele me pôs este problema fundamental: “Para nós cristãos, o próximo passo a dar é que se proclame publicamente que não é o socialismo, mas sim o capitalismo que é “intrinsecamente perverso”, e que o socialismo não é condenável senão em suas perversões. E para V., Roger, o próximo passo a dar é mostrar que a revolução não está ligada por um vínculo essencial, mas somente histórico, com o materialismo filosófico e o ateísmo, e que ela é, pelo contrário, consubstancial ao cristianismo”.* *Dom Helder abriu-me este programa há seis anos e não cessou de ajudar-me a cumpri-lo (“Parole d’Homme”, editado por Robert Laffont, Paris, 1975, pág. 118).*

D. Casaldáliga, grande amigo de D. Helder (cfr. *“Yo creo en la justicia y en la esperanza!”*, pág. 182), sintoniza inteiramente com as palavras deste: *“Eu creio que o Capitalismo é “intrinsecamente mau”: porque é o egoísmo socialmente institucionalizado, a idolatria pública do lucro pelo lucro, o reconhecimento oficial da exploração do homem pelo homem, a escravidão dos muitos ao jugo do interesse e da prosperidade dos poucos”* (livro citado, pág. 181).

As tiradas do Bispo de São Félix contra o capitalismo são aliás freqüentes nesse livro: *“Meirelles [o dono da fazenda Frenova, com quem D. Casaldáliga estava em conflito] protestando seu catolicismo, escandalizou-se de que eu dissesse que o capitalismo é pecado e ameaçou-me de contá-lo à Presidência da CNBB. Quando precisamente nesta tentativa de contemporação diplomática e nauseabunda com a Frenova, eu me convenci um pouco mais, de que o capitalismo efetivamente é pecado”* (pág. 79). – Sem entrar na apreciação do conflito entre o Bispo e a fazenda, note o leitor a afirmação peremptória do princípio errado.

Mais adiante: *“As estruturas do capitalismo (econômico, político, espiritual) são idolatria, estado de pecado e morte”* (pág. 81). *“Imperialismo, Colonialismo e Capitalismo merecem em meu “credo” o mesmo anátema”* (pág. 176).

“Aqui, perto, os militares são meus “inimigos”: na medida em que são inimigos do Povo. Porque estão a serviço do Capitalismo e da Ditadura” (pág. 178 – o destaque em negrito é nosso). *“Os providencialismos desencarnados, os neoliberalismos e neocapitalismos e certas neodemocracias [...] me parecem objetivamente iníquos”* (pág. 179). *“Creio, em suma, que a socialização do mundo pode ser um desígnio real de viver cristãmente em sociedade. E creio que a sociedade capitalista é a negação radical desse desígnio. O capitalismo não pode ser cristão. O socialismo, sim”* (pág. 182).

Note-se que esses textos não visam a esta ou àquela deformação do regime capitalista neste ou naquele lugar, mas ao regime capitalista enquanto tal, e onde quer que ele exista.

contando em sua redação com uma plêiade de congregados marianos de invejável inteligência e cultura, e tendo como assistente eclesiástico Mons. Antônio de Castro Mayer, Vigário Geral e futuro Bispo de Campos, reagia vigorosamente contra o maritainismo nascente. Na refutação antimaritainista promovida pelo “*Legionário*” destacou-se sobretudo o arguto e coerente polemista José de Azeredo Santos. No Rio de Janeiro ainda, distinguiram-se por sua atuação lúcida e aguerrida Osório Lopes, no semanário “*A União*”; Antônio Guedes de Holanda, no semanário “*A Cruz*”; e Mesquita Pimentel, na revista “*Vozes de Petrópolis*”.

Em Recife, o grande jesuíta Pe. Antônio Fernandes levantava na brilhante revista “*Fronteiras*” o facho da reação contra Maritain. Seguiu-o, com seu invulgar talento, Manuel Lubambo, capitaneando por sua vez outros jovens de valor.

A *contrario sensu*, começavam a alcançar influência na Ação Católica Brasileira, então a organização máxima do apostolado dos leigos, pequenos quistos esquerdistas movidos por várias influências procedentes da Europa, entre as quais a da florescente JOC belga, a qual já iniciara decididamente a caminhada para a esquerda em que hoje chegou tão longe²¹.

Estes pequenos quistos esquerdistas eram propensos, também eles, à “*politique de la main tendue*”, e a uma ofensiva anticapitalista cuja exasperação fazia sentir a presença do fermento característico da luta de classes.

Entretanto, da própria Ação Católica partiu, contra essa tendência para a esquerda, um impulso de reação, arduamente apoiado pelo chamado “*Grupo do Legionário*”. Pois todos os cargos da Junta Arquidiocesana de São Paulo – o mais alto órgão da Ação Católica paulista – eram preenchidos por membros desse grupo. Como presidente da Junta Arquidiocesana, escrevi em 1943 o livro “[Em Defesa da Ação Católica](#)”. Nele, a par de erros do progressismo nascente, refutei também (págs. 269-270) as tendências esquerdistas²² que, como reflexo do movimento francês “*Le Sillon*”, se faziam sentir na Ação Católica Brasileira.

Decorridos mais de trinta anos, é difícil avaliar hoje a força de detonação do livro. Publicado num ambiente religioso até então homogeneamente ortodoxo e muito unido, no qual apenas começavam a se fazer sentir aqui e acolá inquietações a propósito das “novidades” do maritainismo e da Ação Católica, difundiu-se minha obra com a rapidez de um vendaval. Sua

²¹ A crise da JOC belga veio aumentando de volume nas décadas seguintes, a ponto de apresentar hoje em dia gravidade alarmante. A respeito da situação a que chegou por fim a JOC em nossos dias, afirmou recentemente o Cardeal D. Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre, que a nova orientação desse movimento, aprovada no V Conselho Mundial reunido em Linz, na Áustria, em abril do ano passado, “*trai e evidencia, sem sombra de dúvida, a marca e a ideologia comunista*”. As novas normas “*substituíram o ideal do homem que se orienta segundo as luzes do Evangelho por conhecidos pontos da pregação marxista-leninista*”. “*O documento – continua D. Scherer – aceita e encampa expressamente a crítica da sociedade e da economia própria do marxismo soviético ortodoxo*”. Se a JOC internacional não voltar atrás – conclui o Cardeal-Arcebispo de Porto Alegre – “*se transformará, nesse caso, em um dos numerosos grupos militantes marxistas, existentes pelo mundo a fora, dóceis e leais vassallos que, conscientes ou iludidos, fazem o jogo de expansão do comunismo soviético interenacional*” (cfr. “*Correio do Povo*” de Porto Alegre, 18-1-75).

²² Quer no campo doutrinário, quer no da ação, o esquerdismo não se confunde com o comunismo. Em consequência do que, não se pode qualificar pura e simplesmente de comunista, nem sequer de criptocomunista, o esquerdista enquanto tal.

Sem embargo, a História registra que o mais das vezes os movimentos esquerdistas não comunistas, à medida que crescem em número, influência e poder, vão gerando em suas próprias fileiras setores radicais. Sucessivamente mais radicais até que algum chegue ao comunismo. E assim, não é de espantar que o setor comunista se destaque da corrente socialista que o gerou, e constitua uma corrente autônoma com características novas que o distinguem do esquerdismo não comunista.

Nesta perspectiva histórica, o movimento esquerdista-socialista pode ser visto como uma forma ancestral e germinativa do movimento comunista.

Isso não importa em que se possam tachar necessariamente de comunistas todos os esquerdistas, e menos ainda os pioneiros do esquerdismo neste ou naquele país.

edição de 2.500 exemplares – considerável para a época, tratando-se de livro doutrinário – esgotou-se rapidamente.

E é fácil explicar. Precedido por sóbrio mas prestigioso prefácio do então Núncio Apostólico, o futuro Cardeal Aloisi Masella, “**Em Defesa da Ação Católica**” fez vibrar em alegre desabafo os que já sentiam apreensivos a crise nascente. O livro despertou frenética indignação nos círculos em que se incubavam os erros nele denunciados. E causou um generalizado sobressalto na grande maioria sonolenta que pela ingenuidade de uns e pela modorra de outros preferia que tais problemas não viessem à luz do dia, à espera de que eles se resolvessem por si mesmos, nas penumbras das sacristias e nos vastos meandros do movimento católico.

A reação a “**Em Defesa da Ação Católica**” não tardou. E ao longo dessa reação se definiu a tática esquerdista-progressista, como ela se mantém até hoje.

Era normal que uma obra refutasse ampla e metodicamente quanto meu livro afirmava. Mas a tática adotada foi outra. E em essência esta se conservou a mesma nesses longos trinta e três anos de luta:

a) **Fuga ao debate ou ao diálogo doutrinário.** – As críticas a meu livro, explicitadas em um ou outro órgão de imprensa religioso, eram esparsas, pobres de argumentos e ricas de paixão. Por vezes também apareciam implícitas ou veladas em pronunciamentos desta ou daquela personalidade eclesiástica²³;

b) **Difamação e depois campanha de silêncio e ostracismo.** – Ao sopro de uma **campanha difamatória toda ela verbal**, os principais elementos que no Clero e no laicato haviam batido palmas a meu livro foram sendo gradualmente reduzidos ao silêncio, removidos de seus postos, e relegados ao ostracismo. Um ostracismo do qual só alguns conseguiram livrar-se emudecendo definitivamente a respeito do assunto;

c) **Para a frente, como se nada tivesse havido.** – Assim abafada a oposição, só restava à corrente inovadora prosseguir na caminhada, discreta mas resolutamente.

Esta ampla manobra por vários aspectos lembra a ação hodierna do IDOC e dos grupos proféticos²⁴.

Foi tal campanha, nos anos 40, bastante poderosa para que não conseguissem vencê-la os seguintes fatos, entretanto de grande monta:

a) Vinte e um Prelados manifestaram por escrito seu apoio ao livro, em cartas amplamente difundidas pelo “*Legionário*”²⁵.

b) Em 1949, Pio XII, em carta assinada pelo então substituto da Secretária de Estado, Mons. João Batista Montini, hoje Paulo VI, exprimiu seu decidido e claro louvor pela publicação do livro.

²³ Excetua-se a réplica explícita, e por isto leal e corajosa, do então Bispo de Uberaba, D. Alexandre Amaral. Com ela não estive de acordo. Mas agradou-me a franqueza com que, de viseira erguida, afirmou o que lhe parecia bem.

²⁴ Ver ampla informação sobre a importante ação desses organismos semiclandestinos enquistados na Igreja Católica, no No. 220-221, de abril-maio de 1969, do mensário “Catolicismo”.

²⁵ Foram os seguintes os Prelados que apoiaram por escrito “**Em Defesa da Ação Católica**”: D. Helvecio Gomes de Oliveira, Arcebispo de Mariana; D. Ático Eusebio da Rocha, Arcebispo de Curitiba; D. João Becker, Arcebispo de Porto Alegre; D. Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo de Florianópolis; D. Antônio Augusto de Assis, Arcebispo-Bispo de Jaboticabal; D. Otaviano Pereira de Albuquerque, Arcebispo-Bispo de Campos; D. Alberto José Gonçalves, Arcebispo-Bispo de Ribeirão Preto; D. José Maurício da Rocha, Bispo de Bragança; D. Henrique Cesar Fernandes Mourão, Bispo de Cafelândia; D. Antônio dos Santos, Bispo de Assis; D. Frei Luís de Santana, Bispo de Botucatu; D. Manuel da Silveira D’Elboux, Auxiliar de Ribeirão Preto, depois Arcebispo de Curitiba; D. Ernesto de Paula, Bispo de Jacarezinho, hoje Bispo titular de Geroesarea; D. Otavio Chagas de Miranda, Bispo de Pouso Alegre; D. Frei Daniel Hostin, Bispo de Lajes; D. Juvencio de Brito, Bispo de Caetité; D. Francisco de Assis Pires, Bispo de Crato; D. Florencio Sisínio Vieira, Bispo de Amargosa; D. Severino Vieira, Bispo do Piauí; D. Frei Germano Veja Campón, Bispo Prelado de Jataí; Pe. L. Riou S.J., Provincial da Companhia de Jesus no Brasil Central.

c) Em 1947, Pio XII elevou a Bispo de Jacarezinho, D. Geraldo de Proença Sigaud, S.V.D., um dos principais colaboradores do “Legionário”, e um dos esteios da reação antiesquerdista e antiprogressista.

d) Em 1948, o mesmo Pio XII elevou a Bispo Coadjutor de Campos D. Antônio de Castro Mayer, de cuja ação de primordial importância já tivemos ocasião de falar.

e) Em 1953, o novo Bispo de Campos publicou a “**Carta Pastoral sobre Problemas do Apostolado Moderno**”, em que retomava, ampliada e adaptada às novas circunstâncias, a temática de “**Em Defesa da Ação Católica**”. Esse magnífico documento, cujas duas edições brasileiras se esgotaram rapidamente, teve considerável repercussão no Exterior ²⁶.

Porém, no Brasil, o método de defesa dos elementos esquerdistas e progressistas continuou exatamente o mesmo: ausência de qualquer refutação e hábil campanha de silêncio, que deixava ouvir apenas o discreto zumbido da detração pessoal. O mesmo gênero de detração posta em circulação quando da publicação do “**Em Defesa da Ação Católica**”.

* * *

O desenvolvimento discreto e contínuo do eixo ideológico (e não só ideológico) esquerdismo-progressismo ²⁷ ocorreu nos anos 50 *pari passu* com outras mudanças consideráveis no panorama religioso do País. Em resumo:

Favorecidos pelo apoio da imprensa, do rádio e da televisão, e com o aplauso caloroso de alguns altos círculos sociais sem posição religiosa coletiva definida, vieram emergindo as figuras da “linha nova” do Episcopado. A mais marcante dentre elas era o então Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, D. Helder Câmara, que começava a projetar-se no cenário nacional.

Enquanto isto, a maior parte dos Bispos conservadores eram cada vez mais postos na penumbra, e se recolhiam fleugmáticos, melancólicos ou perplexos a um profundo silêncio.

A ascensão da “linha nova” era favorecida pela criação de numerosas Dioceses no Brasil. Afirma o deputado cassado Márcio Moreira Alves que o então Núncio Apostólico, D. Armando Lombardi, almoçava semanalmente com D. Helder Câmara, cujo grupo procurava sempre apoiar. E “*como durante o tempo em que estive no Rio de Janeiro foram criadas 109 novas dioceses e 24 arquidioceses, o que praticamente dobrou o número de bispos brasileiros, Dom Lombardi teve grande influência, através da indicação de muitos padres progressistas para essas vagas, na alteração da composição política da hierarquia*”.²⁸

A opinião do antigo deputado subversivo não constitui por si uma prova. Mas o que ele narra apresenta mais de uma coincidência com fatos notórios, e merecerá por certo o interesse dos historiadores imparciais.

²⁶ A Pastoral teve duas edições em francês (uma em Paris, outra em Québec), duas em italiano (em Pompéia e em Turim) e duas em espanhol (em Madrid e Buenos Aires).

²⁷ O progressismo – tomado o termo em seu uso corrente – é um movimento religioso. Comporta ele vários matizes, desde os mais iniciais e limitados em sua frente de contestação contra a tradição e estrutura católicas, até os mais arrojados e radicais.

Se bem que a sociedade espiritual e a temporal não se confundam, entre o progressismo e o esquerdismo as analogias são fáceis de discernir.

Excederia os limites desta nota analisá-las todas.

A título de exemplo, lembremos que o progressismo visa a realizar na sociedade espiritual reformas de sentido muito análogo às que o esquerdismo tem por meta na sociedade temporal. Isso explica os pontos de convergência existentes entre progressistas católicos e esquerdistas católicos.

Todo sistema religioso inclui um sistema moral. O progressismo, como movimento religioso, tem inevitáveis reflexos sobre os princípios morais dos que dele participam. Entre esses princípios estão os que regem as relações Estado-cidadão, patrão-empregado, etc. Em matérias tais, progressismo e esquerdismo se encontram, e normalmente cooperam.

²⁸ “*O despertar da Revolução Brasileira*”, empresa de Publicidade Seara Nova, Lisboa, 1974, pág. 220.

* * *

No ano de 1952 constituiu-se a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a qual teve por primeiro secretário D. Helder Câmara. Assim não é de espantar que o novo organismo tenha sido em larga medida porta-voz de D. Helder. A atuação da entidade se caracterizou desde logo por uma omissão completa, ou quase completa, ante a maré montante do esquerdismo-progressismo. E pelo favorecimento implícito ou explícito do prestígio pessoal e do programa de ação dos corifeus da corrente católica inovadora, cada vez mais em ascensão.

Esta situação repercutiu nas casas de formação do Clero secular e regular, nos setores estudantis e operários da Ação Católica. Nestes vários ambientes começam a formar-se os “*padres de passeata*” e as “*freiras de mini-saia*”²⁹, bem como os líderes católicos ligados às agitações subversivas da era João Goulart, a qual se ia aproximando.

Privados de apoio autêntico, vão definhando em todo o território nacional as imensas organizações católicas fundadas e recrutadas sob o signo da ortodoxia (e portanto do anticomunismo militante e do antiprogressismo potencial) das antigas eras. As Congregações Marianas, as Pias Uniões de Filhas de Maria, o Apostolado da Oração, as Ligas Jesus, Maria, José. As Conferências Vicentinas ainda existem hoje. Porém quão pouco são em comparação com o que foram outrora.

7 . A era janguista: situação altamente perigosa nos arraiais católicos

Ao aproximar-se a conturbada era janguista, em que o País esteve a ponto de soçobrar na subversão, o panorama religioso do Brasil se apresentava profundamente mudado. O ambiente católico, de centrista que fora outrora, assumira coloração nitidamente centro-esquerdista, com arrojadas manifestações esquerdistas e até, aqui e acolá, com categóricos sintomas pró-comunistas. Destas manifestações esquerdistas é protagonista principal a figura extremamente característica, e já projetada não só em todo o País como fora dele, por uma possante orquestração publicitária, de D. Helder Câmara, elevado entretantes a Arcebispo de Olinda e Recife.

Enquanto isso, ia fervendo, cada vez mais ameaçadora, a agitação comunista na esfera política, social e econômica.

A ação conjugada do esquerdismo – na Igreja e na sociedade temporal – destinava-se a provocar o pânico, inculcando a falsa impressão de que todo o Brasil, solidário com a subversão, começava a pegar fogo. Fazia-se necessário, portanto, esmagar a subversão pela destruição do “*bluff*” que esta montara como um de seus grandes estratagemas de luta.

Pois bem sabiam os subversivos que um dos melhores meios de derrotar o adversário é tirar-lhe a vontade de lutar. E que, por sua vez, um dos melhores meios para lhe tirar a vontade de lutar é fazê-lo descreer da vitória.

Era pois necessário para a derrota da subversão que:

a) as Forças Armadas destruíssem o aparelhamento do Partido Comunista e desmantelassem a sua rede de infiltração na sociedade civil;

b) o Episcopado, o clero e os leigos católicos tornassem bem claro que a Igreja não estava em estado de incêndio, não mudara de alma, e não se identificava com a subversão; mas que, pelo contrário, combatia a esta com todas as forças;

c) em todos os setores da sociedade civil, os líderes respectivos dessem o brado de alarma, mostrando que o Brasil inteiro, salvo insignificantes minorias, era anticomunista.

Sem essa tríplice ação, o Brasil teria caído no comunismo. Graças a Deus, nos três setores, figuras de memorável dedicação, por vezes articuladas entre si, por vezes não, começaram o grande

²⁹ Estas qualificações pitorescas, que pegam ao vivo a realidade, são do conhecido escritor Nelson Rodrigues, cujas tomadas de posição ante esses acontecimentos foram freqüentemente benfazejas e brilhantes.

esforço cuja convergência deu nas gloriosas e memoráveis “*Marchas da Família com Deus pela Liberdade*”, na Revolução de 64 e na queda do janguismo.

Até que ponto atuou a favor ou contra, neste grande esforço comum, o fator católico? É o que nos cabe especialmente expor.

* * *

Em virtude dos princípios “a” e “b” mencionados no início deste estudo (item 5), era de esperar que a atuação da CNBB, ao longo da agitação janguista, fosse a seguinte:

a) Empenhar-se a fundo por depurar o meio católico de toda infiltração esquerdista e mobilizar para o grande embate apostólico contra a ideologia comunista todas as Dioceses, paróquias, casas de formação e de ensino, associações, jornais e rádios católicos;

b) Lançar-se na batalha pela preservação da opinião pública, ensinando claramente a doutrina tradicional dos Pontífices, intransigentemente infensa ao comunismo e ao socialismo, e assim não deixar subsistir na opinião pública a menor dúvida sobre a incompatibilidade entre a Igreja e a subversão que se ia alastrando;

c) Incitar por esta forma todas as organizações e obras católicas a apoiar com denodo a reação que as Forças Armadas e as lideranças civis vinham preparando contra a subversão.

O Brasil é uma nação visceralmente católica, e a qualquer inimigo da Igreja, desde que seja assim combatido por ela, é difícilimo conquistar o poder no país, e impossível manter-se estavelmente nele.

Caso a CNBB tivesse cumprido este dever ao mesmo tempo altíssimo e elementar, quanto risco, quanto prejuízo, quanto sangue derramado teria ela poupado ao Brasil!

É tão notório que ela assim não procedeu, ficou tão profundamente marcada no espírito do País a recordação do papel desenvolvido na ocasião pela corrente liderada pelo Secretário Geral daquele alto organismo episcopal, D. Helder Câmara, que parece desnecessário recordar aqui toda a massa de fatos relacionados com o assunto.

Ao mesmo tempo que a CNBB assim estarrecia e desolava a opinião católica, mais ou menos pelo Brasil todo personalidades católicas se iam articulando com os militares e os civis que trabalhavam patrioticamente pela salvação do País³⁰.

³⁰ A história do comportamento do fator religioso nos acontecimentos que nos ocupam, e nos subsequentes, é rica e importante. Porém ainda está para ser feita.

Não pretendemos traçar-lhe agora sequer as linhas gerais. Falamos aqui com algum pormenor, tão só do que de perto conhecemos, isto é, do que tivemos ocasião de fazer.

Com efeito, nada é difícil como escrever a História recente. De que maneira avaliar precisamente, no próprio contexto, a atuação de cada um dos partícipes? Evitando as dúvidas e obstáculos indissociáveis de tal labor histórico, ficamos *ipso facto* privados de ocasião para relatar por inteiro a ação, antes, durante ou depois da Revolução de 64, de várias personalidades e grupos dignos de registro encomioso.

Nestas condições, limitamo-nos a mencionar diversas personalidades ou organizações que, no campo especificamente católico ou muito contíguo a este, se destacaram e vêm-se destacando por seu destemor, sua inteligência e sua dedicação na luta contra o comunismo, durante o período que vai dos pródromos da Revolução de 64 até nossos dias.

Bem entendido, a natureza deste estudo não comporta uma relação exaustiva desses nomes beneméritos, que a História imparcial porá a lume algum dia. Limitamo-nos a mencionar em São Paulo a União Cívica Feminina, o MAF – Movimento de Arregimentação Feminina, os intelectuais, diretores e colaboradores da revista “Hora Presente”, o jornalista Lenildo Tabosa Pessoa e mais recentemente o centro denominado SEPES. No Rio de Janeiro são igualmente dignos de registro o jornalista Antônio Guedes de Holanda no semanário “A Cruz”, a Liga de Defesa Nacional, a CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia, o jornalista Gustavo Corção e os homens de estudo e de ação, diretores e colaboradores da revista “Permanência”. Em Belo Horizonte, um dos focos mais ativos da Revolução de 64, destacaram-se entre outros, a LIMDE – Liga das Mulheres Democráticas, a jornalista Maria Isabel Adami Potenza e o movimento “Por um mundo cristão” dirigido pelo pranteado Pe. J. Botelho.

Não poderiam ficar inertes nesta grave conjuntura os que haviam constituído outrora o corpo redatorial de “*Legionário*”.

Em 1951, fundara-se na Diocese de Campos, sob a égide de D. Antônio de Castro Mayer, o mensário de cultura “*Catolicismo*”, que adquiriu rapidamente considerável prestígio nos meios católicos do Brasil e do exterior. A folha contava com as bênçãos de D. Geraldo de Proença Sigaud, Bispo de Jacarezinho.

Crescendo o número de leitores e amigos de “*Catolicismo*”, nascia a possibilidade de os conglomerar no Brasil para a ação cívica de inspiração religiosa.

Para isto se constituiu em São Paulo, no ano de 1960, a **Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP)**, que teve como fundadores, sócios e diretores, membros do corpo redatorial ou fervorosos amigos de “*Catolicismo*”. Esta entidade teve nos acontecimentos aqui narrados, e nos subsequentes, uma considerável influência.

* * *

Um episódio basta para mostrar a que riscos o Brasil esteve então sujeito.

Pense-se como se pensar a respeito da reforma agrária, é inegável que, aplicada no calor da agitação janguista, ela poderia se ter transformado facilmente numa revolução agrária de imprevisíveis conseqüências. O espírito com que foi então difundido o agro-reformismo bem se exprime na seguinte poesia de Vinicius de Moraes, transcrita com realce no famigerado semanário “*católico*” dirigido por Frei Carlos Josaphat, O.P., “*Brasil Urgente*” (12-5-63):

“Senhores barões da terra / Preparai vossa mortalha / Porque desfrutais da terra / E a terra é de quem trabalha / Bem como os frutos que encerra ? [...] Chegado é o tempo da guerra / Não há santo que vos valha.

[...] Queremos que a terra possa / Ser tão nossa quanto vossa / Porque a terra não tem dono / Senhores donos da terra.

[...] Não a foice contra a espada / Não o fogo contra a pedra / Não o fuzil contra a enxada: / Granada contra granada! / - Metralha contra metralha!

E a nossa guerra é sagrada! / A nossa guerra não falha!”

Tal era o apoio que a agitação agro-reformista vinha recebendo nos meios religiosos, que em várias partes do Brasil, fazendeiros começavam a sentir escrúpulos de consciência por possuírem as terras herdadas de seus maiores, ou legitimamente adquiridas pelo trabalho. Uns eram assim induzidos a uma atitude entreguista, e outros começavam a revoltar-se contra a Igreja.

Velhos amigos dos tempos do “*Legionário*”, já agora reunidos em torno de “*Catolicismo*”, D. Geraldo de Proença Sigaud, Bispo de Jacarezinho, pouco depois elevado a Arcebispo de Diamantina, o bispo D. Antônio de Castro Mayer e eu, com a ajuda do talentoso economista Luiz Mendonça de Freitas, que lutava então a nosso lado, escrevemos o livro “**Reforma Agrária – Questão de Consciência**”. Era uma reafirmação da tradicional posição da Igreja frente ao assunto.

Para as classe produtoras, “**Reforma Agrária – Questão de Consciência**”³¹ foi como o ar puro em atmosfera confinada. O livro lhes proporcionou inesgotável fonte de argumentos contra

³¹ O livro teve quatro edições em português, em vinte meses, num total de 30 mil exemplares, e três edições em espanhol – na Argentina, Espanha e Colômbia – num total de 9 mil exemplares.

Como desdobramento do livro, os Autores publicaram em 1964 a “**Declaração do Morro Alto**”, que constitui um programa positivo de política agrária. O trabalho teve duas edições em português, num total de 22.500 exemplares, além de sua transcrição integral em “*Catolicismo*” (no. 167, de novembro de 1964). Foi igualmente traduzido para o castelhano e incluído na edição espanhola de “**Reforma Agrária – Questão de Consciência**”.

aqueles que antes os pressionavam – ou seja, elementos do Clero e da “*intelligentsia*” esquerdista das capitais e do interior, fortemente apoiados por grande parte da imprensa.

Assim readquiriram os fazendeiros a compreensão e a simpatia que haviam perdido junto a boa parte da opinião nacional. E o público em geral começou a ver que D. Helder não era o porta-voz indiscutível da Igreja, nem levava atrás de si a massa dos católicos.

No dia 5 de dezembro de 1960 reúnem-se os Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Paulo, com a presença de D. Helder Câmara, e apoiam a “Revisão Agrária”, programa de Reforma Agrária de sabor socialista promovido pelo Governo do Estado. Em sensacional programa de TV, sete Bispos divulgaram largamente o pensamento da Assembléia sobre o assunto. D. Henrique Gelain, Bispo de Lins, não compareceu e não consta que tenha apoiado a posição do Episcopado paulista. D. José Maurício da Rocha, Bispo de Bragança Paulista, e D. Germano Vega Campón, Bispo titular de Oreó e residente no Estado de São Paulo solidarizaram-se publicamente com o livro.

Dos 187 Bispos que então constituíam a Hierarquia no Brasil, 49 fizeram pronunciamentos que ora mais claramente, ora menos, favoreciam uma Reforma Agrária qualificada como socialista e confiscatória na obra difundida pela TFP. Muito poucos se pronunciaram insofismavelmente contra a Reforma Agrária. A grande maioria conservou-se muda, quer ante a agitação agro-reformista, quer ante o movimento de opinião desencadeado por “**Reforma Agrária – Questão de Consciência**”³².

A dramática controvérsia referente às Reformas de Base chegava ao auge justamente nas vésperas da queda de João Goulart. Nessa ocasião, católicos belo-horizontinos, sob a inspiração da TFP, promoveram um grande e vitorioso movimento contra a realização na capital do Estado, de um congresso da CUTAL, organismo de orientação claramente comunista.

Logo depois, com o apoio da TFP, 210 mil brasileiros subscreveram uma interpelação à Ação Católica de Belo Horizonte. Esta se pronunciara de modo violento contra os católicos mineiros que corajosamente haviam impedido a realização de um comício de Brizola favorável às Reformas de Base, e negara, ao mesmo tempo, que tais reformas envolvessem uma questão de consciência. O silêncio envergonhado da Ação Católica equívaleu a uma confissão de derrota.

O que aconteceu depois faz parte da história recente e é do conhecimento de todos.

8 . Derrotado, o comunismo contra-ataca

Todos os esforços dos católicos anticomunistas, dentro ou fora da TFP, contribuíram em alto grau para pôr diques à subversão, e *ipso facto* para a vitória da ínclita Revolução de 1964, brilhantemente alcançada pelas nossas gloriosas Forças Armadas. Pois foi em consequência de tais esforços que, como já dissemos, o grande público se pôde dar conta de que sua fidelidade à Igreja não lhe pedia que apoiasse a subversão, mas que, pelo contrário, a visse com maus olhos, a rejeitasse, a combatesse.

Para alcançar suas metas, importava entretanto aos dirigentes da subversão comunista no Brasil ³³ realizar múltiplas tarefas que podem ser agrupadas em dois itens distintos:

³² Esse torpor da maioria do Episcopado destoava da acrimônia do Secretário-Geral da CNBB e seu grupo, bem como do entusiasmo dos amigos do livro: senadores, deputados, centenas de prefeitos e vereadores, órgãos de classe e 27 mil agricultores, que subscreveram um abaixo-assinado de repúdio à Reforma Agrária confiscatória e socializante.

³³ Parecemos aqui confundir dois conceitos – comunismo e subversão – sobre cuja diversidade muita insistência se tem feito ultimamente.

De feito, negamos profundidade e consistência à distinção entre esse conceitos.

- a) **desobstruir o terreno** de todos os maus efeitos resultantes da derrocada do janguismo;
- b) **prosseguir na expansão** do comunismo em toda a medida do que fosse possível dentro das novas circunstâncias.

Em cada grupo de tarefas, há por sua vez, ações específicas a considerar:

Desobstrução do terreno – A Revolução de 64 criou uma série de instituições e de leis destinadas a proteger o País contra a ameaça mortal por que acabava de passar. Não é nosso propósito investigar aqui se umas e outras poderiam ter sido concebidas ou aplicadas de preferência desta ou daquela maneira. Um fato ressalta claríssimo: é que a obra por elas realizada tem proporcionado ao País ordem e tranquilidade. Se, pelo contrário, elas não existissem, os manejos de Moscou por certo já nos teriam feito descambar para a situação em que íamos entrando no tempo de Jango, ou ainda mais fundo. **Importava e importa pois à subversão** – e nos mais alto grau – **difamar e até caluniar as leis e os organismos de repressão**, com o intuito de chegar a, por fim, demoli-los.

Não se trata aí, para os comunistas, de promover esta obra de difamação e calúnia tão somente nos meios esquerdistas, naturalmente já ganhos para a causa.

Trata-se, isto sim, de criar no País inteiro, inclusive **nos próprios meios centristas** cuja coligação fora um dos fatores básicos da vitória de 64, um clima em virtude do qual a **repressão chegasse a ser incompreendida, e, por fim, mal vista**. Uma aliança do centro descontente com as esquerdas poderia dessa forma abrir caminho para a desejada destruição – ou inutilização – dos instrumentos repressivos. E para o que se lhe seguisse³⁴.

* * *

Múltiplos fatores externos e internos, do que surgem de modo inopinado nas diversas matérias da vida pública, soube explorá-los o comunismo.

À primeira vista poder-se-ia diferenciar dois matizes do comunismo. Um, visando à conquista do poder pela subversão, no estilo de Moscou e Havana. Outro visando, também ele, à conquista do poder, mas por via da suasão, do proselitismo organizado e de eleições livres, no estilo apregoado pelo “*euro-comunismo*” à Berlinguer e Marchais.

Na realidade, o comunismo é essencialmente subversivo. Só episodicamente, e quando tal lhe convém, assume ele aspecto suasório pacífico.

O “*euro-comunismo*” não é senão uma atitude momentânea do comunismo clássico.

A diversidade entre o que muitos consideram duas modalidades do comunismo, não existe à maneira das diferenças profundas, subtis e expressivas que um psicólogo pode discernir no semblante de dois irmãos extremamente parecidos.

É a diferença irrelevante, e muito mais grosseira, que pode existir entre a fisionomia de um indivíduo e a máscara que ele usa ocasionalmente, ao sabor de suas conveniências.

³⁴ Não é justo tachar de criptocomunistas ou pró-comunistas todos os que desejam o desmantelamento completo ou em larga escala, das leis e organismos engendrados pela Revolução de 64 para reprimir o comunismo. Entretanto, é lícito pensar que agem ao menos como inocentes-úteis do comunismo os que se batem por tal desmantelamento nas condições presentes. Com efeito, como todos os inocentes-úteis, são também estes particularmente eficientes na investida comunista. Tanto mais quanto o comunismo internacional, renunciando à violência episodicamente, e por mera tática, vai simultaneamente fazendo uso de métodos de ação psicológica, de infiltração e de pressão política cava vez mais eficazes e perigosos. O emprego desses métodos seria absolutamente impossível sem o concurso dos inocentes-úteis.

O poderio mundial do comunismo jamais cresceu tanto como na fase de distensão apoiada pela Casa Branca e pelo Vaticano. De Angola, sua sombra já se projeta sobre o Atlântico Sul até o litoral oriental de nosso continente.

Nessas condições, temos por certo que o desmantelamento das leis e órgãos de segurança no presente momento ajudaria mais do que nunca a investida comunista.

Se esse desmantelamento for levado a cabo agora, teremos de imediato a explosão da violência, a duras penas contida. E logo em seguida um avanço perigoso do comunismo no campo político, econômico e social.

Essas palavras não são ditas para vituperar os que sonham com o desmantelamento total ou virtual da repressão, mas para os convidar cordialmente a refletirem de modo realístico sobre a situação, e prestarem em favor de uma luta anticomunista eficaz o serviço que de sua inteligência e prestígio o País pode esperar.

A vitória de 64 deixou a nu a artificialidade do perigo comunista no Brasil. O destroçamento espetacular desse perigo criou nos ambientes centristas a **perigosa ilusão de que o perigo jamais voltaria**. De onde surgirem condições propícias a que espíritos otimistas se pusessem estas perguntas: por que então continuar a reprimir o comunismo? Não seria preferível permitir que, sem repressão a espicaçá-la, a chaga da subversão começasse a cicatrizar naturalmente?

A prosperidade resultante da Revolução de 64 acentuou ainda mais o **clima de falsa estabilidade que acabamos de descrever**. Muitos centristas, considerando erroneamente o problema comunista como mera resultante da fome, imaginavam que, eliminada esta, o comunismo morreria por si. Puseram-se eles então a pensar que, no binômio segurança-prosperidade, a segunda já estava em condições de garantir por si só, ou quase tanto, a segurança. “Por si só”, dizemos, isto é, sem a ação estatal repressiva, nem campanhas anticomunistas públicas ou privadas. O anticomunismo, sempre tão indispensável, começou a tomar, aos olhos de alguns, ares de rebarbativa velheira.

* * *

Estas ilusões de não poucos centristas não existem só no Brasil. Encontraram elas sua plena expressão numa fórmula política lançada na Argentina pelo então presidente General Lanusse, a qual teve, em tais ambientes, pelo mundo a fora, grata repercussão: a “*queda das barreiras ideológicas*”. Era uma fórmula lançada por ele para definir sua nova política em relação aos países comunistas como Cuba ou o Chile allendista de então. Mas a fórmula produziu naturalmente ponderáveis efeitos na política interna dos vários países em que ecoou, e especialmente nos setores da opinião pública a ela predispostos. Pois ela supõe ter havido nos comunistas uma certa melhoria psicológica, em virtude da qual as barreiras ideológicas já não são necessárias em relação a eles. Ora, na hipótese de que assim seja **para efeitos de política exterior entre nações comunistas e não comunistas, por que não se dará algo de análogo na política interior, entre correntes comunistas e não comunistas?** A partir desta pergunta, **como não começar a duvidar da necessidade de um sistema repressivo anticomunista?**

Tal estado de alma não poderia deixar de receber perigoso reforço com a visita do Presidente Nixon à China comunista em fevereiro de 1972, e sua subsequente visita a Moscou em maio do mesmo ano. A “*détente*” internacional, assim inaugurada estrepitosamente, mostrava que a superpotência do mundo livre fazia inteiramente sua – e a consagrava como princípio máximo de sua ação diplomática – a “*queda das barreiras ideológicas*”, aceitando implicitamente o mito a ela subjacente, de que ocorrera uma transformação na mentalidade política dos comunistas.

Por meio da “*Ostpolitik*” do então chanceler Willy Brandt, a Alemanha Ocidental já precedera nesta via os Estados Unidos. Depois do exemplo de Nixon, vários outros países seguiram pelo mesmo caminho. O ambiente mundial se foi assim saturando de “*distensionismo*”.

O “*distensionismo*” implicava, de um ou outro modo, um pacifismo extremado, agravado pelo **pânico de uma hecatombe atômica**, possível em caso de guerra. Pelo mundo inteiro, largos setores centristas resolveram pois mudar de impostação quanto ao próprio campo da política interna face ao comunismo. Preferiram adormecer, nas alegrias da prosperidade do após-guerra e nas quimeras da “*détente*”, as apreensões mais ou menos subconscientes quanto a um futuro que evitavam olhar de frente.

Mais grave do que tudo isto foi, para os países católicos, a “*Ostpolitik*” vaticana, que importava no abandono – ou quase tanto – do estado de beligerância da maior potência espiritual do mundo em relação à superpotência materialista e atéia que é Moscou. **Se o Vaticano abrandava assim a repressão ao comunismo no terreno espiritual, julgando não correr com isto riscos de**

monta, por que – puseram-se a pensar numerosos católicos – não abandonar, ou abrandar marcadamente, esta mesma repressão no terreno temporal? ³⁵.

Tais acontecimentos acarretaram, em vastos círculos da opinião ocidental, uma acentuada displicência face a progressos do comunismo, os quais outrora os teriam feito sobressaltar. **As quedas do Vietnã e do Cambodge, e principalmente a de Portugal**, foram acompanhadas pelas massas do Ocidente com uma **indiferença suicida** que pouco depois Soljenitsin haveria de fustigar com seu talento impressionante.

* * *

Claro está que tudo isto, que tão fundamente marcou o mundo inteiro, também marcou o Brasil. Nos dias seguintes aos da Revolução de 64, **os comunistas** e seus colaboradores **estavam separados** do resto do País **por um muro. Com tudo isto, em vários setores da opinião pública, o muro caiu**. Eles podiam **tentar** daí por diante **diluir-se**, ao menos na aparência, **na massa da população, para levedá-la**. Poderiam **tentar coligar-se com todos os centristas contrários à repressão, para revogar as leis e os organismos que lhes obstassem o avanço**. E, *pari passu*, **poderiam ir dando renovado impulso à sua expansão ideológica e à urdidura de suas tramas**.

Este modo de agir, os comunistas o adotaram sem dúvida. E daí procurarem a infiltração nos partidos políticos, denunciada pelo Presidente Geisel em seu histórico discurso de 1º de agosto de 1975.

Pense-se o que se pensar da serpentina declaração de Luís Carlos Prestes, em Berlim, em fevereiro deste ano, o menos que pode dela dizer o mais tímido e cauto dos comentaristas, é que ela confessa a existência de uma infiltração comunista na vida política, com o plano de atrair os elementos centristas para a destruição virtual do mecanismo de repressão à subversão ³⁶.

9 . CNBB, Clero e laicato ante o novo jogo do comunismo

Tendo sempre em vista a missão suprema e fundamentalmente anticomunista da Igreja, a pergunta natural é: o que, à vista de tudo isto, vêm fazendo a CNBB, o clero e o laicato católico?

Se por “Clero” e “laicato católico” se entendem os eclesiásticos e os leigos inteiramente inspirados pela CNBB, partícipes do espírito que a anima e vendo o panorama hodierno como ela parece vê-lo, a resposta é: não fazem senão amoldar-se aos fatos e agir ao impulso destes.

Por exemplo, quanta vantagem teria trazido para o Brasil e para a Civilização Cristã, que a CNBB tivesse denunciado ao público o panorama sombrio cujos componentes acabamos de descrever! Ou que, pelo menos, o organismo episcopal tivesse levado a cabo uma campanha anticomunista, autenticamente combativa e de grande envergadura.

Entretanto, nada disto se fez. Em um ou outro documento de altas personalidades da CNBB, o anticomunismo foi até bem recentemente objeto de alusões tais, que mais soavam à maneira de uma censura ³⁷.

³⁵ A tal respeito, recomendamos a leitura da declaração [“A política de distensão do Vaticano com os governos comunistas – Para a TEP: omitir-se? Ou resistir?”](#) publicada na imprensa diária das mais importantes capitais do País, e reproduzida em “Catolicismo”, no. 280, de abril de 1974.

³⁶ Em fevereiro deste ano, Luís Carlos Prestes, secretário-geral do clandestino Partido Comunista Brasileiro, fez declarações em diversas capitais da Europa. Registramos as seguintes, prestadas em entrevista coletiva à imprensa em Berlim Oriental: *“A luta política das forças progressistas, para a restauração dos direitos democráticos e da liberdade no Brasil – disse Prestes – aumentou nos últimos anos”*. Com isso – segundo ele – *melhoraram as possibilidades de organizar-se uma “frente patriótica e antifascista, como quer o Partido Comunista Brasileiro”* (apud “Folha de S. Paulo”, 15-2-76).

³⁷ O Cardeal D. Eugenio Sales, Arcebispo do Rio de Janeiro, declarou na “Voz do Pastor” de 20 de fevereiro deste ano, que *“o Cristianismo [...] não aceita fazer uma campanha muito ao gosto dos poderosos, que se sentiriam protegidos em seus privilégios”* e por isso *“jamais podemos ser partidários e colaboradores de uma insana campanha anticomunista”* (“Boletim da Revista do Clero”, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, março de 1976, págs. 6 e 7).

Apenas recentemente houve um crepitar – antes diríamos um discreto efervescer – de atitudes anticomunistas de certos altos Prelados, já esvaído na hora em que escrevemos. Efervescer útil quiçá para lhes restaurar o prestígio nos setores centristas infensos ao comunismo, ou em nossas escassas direitas. Mas efervescer cuja impressionante insuficiência bem transparece pelo fato de que

A expressão é deploravelmente ambígua em matéria que de si exige especial clareza, porque nela os comunistas, sistematicamente difamadores do anticomunismo, se empenham em introduzir a maior confusão.

Lendo a frase do Purpurado, ficamos sem saber se ele considera insana toda e qualquer campanha anticomunista, ou se divide as campanhas anticomunistas em duas categorias, as que são “*insanas*” e as que não o são.

A segunda hipótese parece mais provável, uma vez que no próprio documento que comentamos, S. Emcia. Faz várias críticas ao comunismo.

Resta saber segundo que critério S. Emcia. classifica as campanhas anticomunistas entre sãs e insanas.

Infelizmente, ele não nô-lo diz.

De qualquer forma, as críticas ao comunismo feitas por S. Emcia. no dito documento não nos parecem um modelo de sã campanha contra o comunismo.

Não é eficaz lutar contra uma fera que agride detendo-lhe uma das garras, e deixando agir livremente a outra. As críticas de S. Emcia. atingem o comunismo em seu aspecto filosófico e religioso, mas evitam qualquer referência específica aos três valores que, na ordem temporal, o comunismo mais se empenha em destruir, isto é, a tradição cristã, a família e a propriedade.

Esta conclusão se vinca ainda mais quando se analisa o pressuposto explicitado por D. Eugenio Sales: “*O Cristianismo [...] não aceita fazer uma campanha muito ao gosto dos poderosos, que se sentiriam protegidos em seus privilégios*”. – Esta frase deixa no espírito várias interrogações: pensa S. Emcia. que todo poderoso, por isso mesmo, é mau? Onde, na Escritura ou nos Documentos do Magistério eclesiástico, encontra ele fundamento para tão singular afirmativa?

Se todo poderoso, por isso mesmo é mau, parece lógico admitir que todo homem sem poder, por isso mesmo é bom. E estamos na presença da luta de classes.

Os que somos contrários à luta de classes, entendemos que entre os grandes como entre os pequenos, há bons e maus. Preferimos admitir que assim pensa também o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.

Neste caso, uma pergunta subsiste, entretanto: como explicar que uma campanha anticomunista, apesar do enorme benefício que ela presta em extirpar o comunismo, lhe pareça má só porque é “*muito ao gosto dos poderosos*”?

Por fim, quanto aos “*privilégios*”, de que privilégios se trata? A alusão é brumosa. Referir-se-á s. Emcia. ao direito de propriedade? Ou simplesmente às vantagens de que os “*poderosos*” desfrutam?

Neste último caso, não seria melhor distinguir entre as vantagens lícitas e legais, e que convém defender, e as vantagens ilícitas e ilegais, que é justo combater?

Assim, a tomada de posição de D. Eugenio Sales sobre o anticomunismo suscita perplexidade.

Mais do que perplexidade, despertam positiva inconformidade em todo anticomunista católico – autenticamente anticomunista e autenticamente católico – as declarações de D. Aloisio Lorscheider, Presidente da CNBB e Presidente em exercício do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), e D. Ivo Lorscheiter, Secretário-Geral da CNBB, em entrevista coletiva à imprensa em 25 de março do corrente ano. Disseram eles: “*O fato é que não somos de uma cruzada santa contra o comunismo*” (“Folha de S. Paulo”, 26-3-76).

Ora, em matéria de comunismo pensamos exatamente o contrário. O Brasil necessita de uma cruzada santa, isto é, de uma cruzada feita em nome da Fé, desenvolvida no terreno estritamente doutrinário, a qual enfrente o multiforme esforço comunista para a conquista das mentes.

Nem compreendemos como, depois de denunciar a infiltração comunista nos meios universitários e intelectuais montada em Moscou, D. Aloisio Lorscheider tenha afirmado enfaticamente que suas palavras, pronunciadas no encerramento da última reunião do CELAM em Bogotá, “*não devem ser entendidas como conclamação da Igreja para uma cruzada anticomunista no Brasil*” (“O Globo”, 6-3-76).

Como pode o Prelado denunciar a ação do adversário estrangeiro e anticristão, e ao mesmo tempo desautorar a reação dos que desejam defender o Brasil e a Civilização Cristã contra tal ação?

os documentos nos quais este “**anticomunismo-surpresa**”³⁸ se exprimiu, não contém a menor denúncia da infiltração comunista nos meios católicos³⁹.

Assim, no terreno específico da CNBB, ela não só se recusa a reprimir a infiltração comunista, como toma uma posição de reserva em relação aos que, no Episcopado, no Clero ou no laicato, o combatem deveras.

Na realidade, há nesta matéria uma afirmação dolorosa e grave a fazer. **Enquanto, depois de 64, todas as esferas da vida brasileira realizaram operações internas de saneamento e de depuração da infiltração comunista, na Igreja todas as figuras que se destacaram durante o período janguista permaneceram incólumes.** Ou mais precisamente foram objeto de remoções só umas poucas figuras, o que teve por efeito tornar menos chocante a inteira incolumidade na qual ficaram tantas outras.

Em outros termos, dentro das áreas dominadas pela CNBB, não foi permitido que entrasse o sopro regenerador da Revolução de 64. Esse sopro mudou o Brasil inteiro. Os meios católicos, não.

Assim, não espanta que a repressão promovida pelos organismos oficiais contra o comunismo fosse incompreendida e vista com antipatia pela CNBB. Proclamando-se a justo título defensora da dignidade e dos direitos humanos, e denunciando abusos que, a se admitir que tenham sido como os descreve aquele órgão eclesiástico, realmente merecem categórico repúdio e urgente remédio, a CNBB adota uma inexplicável atitude de hostilidade para com a repressão em si mesma, e os órgãos que a executam. Foi o que deixou patente a “*Declaração de Itaiçi*”, de 30 de outubro de 1975, assinada pela Regional Sul I da CNBB, da qual fazem parte todos os Srs. Arcebispos e Bispos do Estado de São Paulo⁴⁰.

Como se vê, quer por palavras quer por omissões, a CNBB – com todos quantos ela leva atrás de si – tem, face à repressão anticomunista, um procedimento negativo, que só aplausos pode receber dos que com ele lucram.

Esse procedimento, aliás, se conjuga com o fato de que a repressão interna ao comunismo nos meios católicos, estabelecida pelo inesquecível Pio XII no Decreto da Sagrada Congregação do Santo Ofício de 1º de julho de 1949⁴¹, está em inteiro desuso no Brasil.

* * *

³⁸ Em março deste ano, a TFP publicou pela imprensa diária um comunicado sob o título “**Sobre o anticomunismo-surpresa de altos Prelados – Reflexões da TFP**”, reproduzido também em “Catolicismo” no. 303, de março de 1976.

³⁹ A idéia da existência da infiltração comunista em meios católicos é tão alheia ao pensamento de certos altos Prelados, que quando o exímio e corajoso conferencista Padre Miguel Poradowski (professor da Universidade Católica de Valparaíso, no Chile) declarou, em agosto do ano passado, que havia essa infiltração comunista no Brasil, provocou, da parte de alguns deles, vigorosos protestos.

D. Aloisio Lorscheider, Presidente da CNBB, por exemplo, fez, a esse respeito, declarações à imprensa assim registradas por “O Povo” de Fortaleza: “*Como pode um padre estrangeiro com apenas duas semanas no Brasil chegar a uma conclusão que “**nós mesmos ignoramos inteiramente**”? [...] A gente fica até doente quando ouve coisas destas. [...] Os Bispos brasileiros seriam “**todos uns tolos**” se fosse verdade a infiltração comunista na imprensa católica, na orientação pastoral e nos próprios seminários durante os últimos dez anos e sem que o Episcopado tomasse conhecimento*” (“O Povo”, 30-8-75 – Apenas as partes em negrito foram citadas entre aspas pelo jornal).

No mesmo sentido pronunciou-se o Cardeal D. Vicente Scherer: “*Manifestei perante o auditório minha fundamental convicção de que não existe em nosso País penetração marxista nas fileiras do Clero e dos católicos*” (“O Estado de S. Paulo”, 2-9-75).

⁴⁰ A propósito dessa Declaração, a TFP enviou uma mensagem ao Emmo. Cardeal Arns sob o título “**Não se iluda, Eminência**”, a qual foi amplamente divulgada pela imprensa de todo o País, ficando sem resposta (cfr. “Catolicismo”, no. 299-300, de novembro-dezembro de 1975).

⁴¹ Ver nota 19.

As manifestações da infiltração esquerdista nos meios católicos chegaram a um tal grau de evidência, que 1.600.368 brasileiros subscreveram em 1968 um abaixo-assinado pedindo respeitosamente a Paulo VI medidas eficazes contra essa infiltração. A campanha de coleta de assinaturas foi levada a efeito em todo o território nacional pela TFP.

Ensejou proximamente essa campanha o famoso “*documento Comblin*”, publicado pela grande imprensa em junho do mesmo ano. O documento recebeu o nome de seu autor, o Sacerdote belga então professor do Instituto Teológico (seminário) de Recife, Pe. Joseph Comblin, o qual depois exerceu várias funções eclesiásticas de responsabilidade tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina.

A ocasião seria excelente para a aplicação das penalidades canônicas competentes, e até, eventualmente, as do Decreto de Pio XII. Nada entretanto se fez. Pelo contrário, o Pe. Comblin teve a satisfação de receber calorosos elogios do Arcebispo da Arquidiocese em que trabalhava, D. Helder Câmara, bem como de D. José Lamartine Soares, Bispo Auxiliar deste último (cfr. “REB – Revista Eclesiástica Brasileira”, setembro de 1972, pág. 697).

Entretanto, ainda em 1968, dezenove Arcebispos e Bispos presentes à IX Assembléia Geral da CNBB denunciaram, em carta ao Marechal Costa e Silva, então Presidente da República, a “multiplicidade dos pronunciamentos esquerdistas emanados de meios católicos”⁴².

De lá para cá, os fatos em que se patenteia o caminhar de inúmeros católicos para a esquerda tomaram tal envergadura, que um volumoso matutino paulista pôde afirmar – sem que ninguém tivesse por exagerado – que “*uma edição inteira de jornal não bastaria para conter todos os fatos ocorridos em todas as partes do País e cada um mais clamoroso que o outro*”.

Nessas condições, não espanta que no fundo da alma simpatize com a inteira imobilização da repressão civil quem, como a CNBB, assume a responsabilidade, no âmbito eclesiástico, pela inteiríssima imobilidade da repressão canônica.

* * *

Um exemplo de quanto pôde a atuação comunista nos meios católicos, mesmo durante a era pós-janguista, é a imensa difusão alcançada no Brasil pelos “*Cursilhos de Cristandade*”, entretanto eivados de infiltração carregadamente esquerdista. Puderam eles alastrar-se por todo o País, impunes de sanções canônicas, graças ao apoio de muitos eclesiásticos e à modorra de um número ainda maior deles. Entretanto, esse colossal adversário de tal maneira estava à mercê da Hierarquia, que bastou a voz de um Bispo dotado de inteligência, cultura e destemor, para o reduzir às minguidas proporções que hoje todos podem ver⁴³.

Os Cursilhos de Cristandade – note-se – estão sendo substituídos hoje em dia por outra organização à maneira do IDOC e dos “grupos proféticos”: as “Comunidades de Base”⁴⁴.

⁴² Subscreveram essa carta os seguintes Prelados: D. Geraldo de Proença Sigaud, S.V.D., Arcebispo de Diamantina, D. José D’Angelo Neto, Arcebispo de Pouso Alegre, D. Orlando Chaves, S.D.B., Arcebispo de Cuiabá, D. Antônio de Castro Mayer, Bispo de Campos, D. Geraldo Fernandes, C.M.F., Bispo de Londrina, D. Delfim Ribeiro Guedes, Bispo de São João del Rei, D. João Batista Costa, S.D.B., Bispo de Porto Velho, D. Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, D. Antônio Zattera, Bispo de Pelotas, D. José Vásquez Díaz, O. de M., Bispo de Bom Jesus do Gurguéia, D. Guido M. Casullo, Bispo-Prelado “nullius” de Cândido Mendes, D. Bernardo Nolker, C.S.S.R., Bispo de Paranaguá, D. Maximo Biennés, Bispo de Cáceres, D. Ladislau Paz, S.D.B., Bispo de Corumbá, D. Almir Marques Ferreira, Bispo de Uberlândia, D. Camilo Faresin, Bispo de Guiratinga, D. Jackson Berenguer Prado, Bispo de Feira de Santana, D. Pedro Filipak, Bispo de Jacarezinho, e D. José Fernandes Veloso, Bispo Auxiliar de Petrópolis.

⁴³ A “*Carta Pastoral sobre Cursilhos de Cristandade*”, de autoria do Sr. D. Antônio de Castro Mayer, teve três edições em forma de livro e várias tiragens sucessivas no n.º. 264, de dezembro de 1972, do mensário “*Catolicismo*”, em que foi transcrita. Essas edições totalizaram 92.600 exemplares. A Pastoral trata do tema “*Cursilhos e a subversão*” nas págs. 77 a 101. Foi traduzida para o inglês e editada nos Estados Unidos (“*Lumen Mariae Publications*”, de New York – Cleveland, janeiro de 1976).

⁴⁴ “Ver a respeito os excelentes estudos reunidos no volume “*Comunidades de Base y Nueva Iglesia*” (Ediciones Acción Católica, Madrid, 1971) e reproduzidos na revista “*Hora Presente*”, no. 13, novembro de 1972.

* * *

Em síntese, o avanço comunista em nosso País nada teve que temer até aqui da CNBB e dos que a seguem. Deles não recebeu nenhum golpe sério. Antes tem auferido vantagem com várias de suas omissões ou atitudes⁴⁵. E no campo doutrinário tem recebido de quando em quando apoio de personalidade que integram a CNBB ou a seguem. Os textos de D. Pedro Casaldáliga o mostram.

10 . A omissão da CNBB favorece a esquerdização dos católicos consagrados às boas obras

Da campanha do Episcopado em favor da melhoria das condições de vida das classes populares, como tem sido feita, tem tirado claro proveito a estratégia comunista.

É evidente que, dentro dos limites da justiça e da caridade, uma campanha pela melhoria das classes populares é digna de todo aplauso, e além disso tem como efeito colateral sopitar descontentamentos e tensões sociais.

Mas é preciso não esquecer que os comunistas promovem, dentro da sociedade atual, a luta de classes, e só o podem fazer sob pretexto de justiça (silenciando evidentemente sobre a caridade, princípio cristão que rejeitam). E assim inoculam nas aspirações de melhoria social das classes populares os princípios e o espírito de revolta do comunismo.

Portanto, para não fazer o jogo deste último, seria necessário que o Episcopado acompanhasse sua própria campanha pelas melhorias sociais, com uma campanha contra os princípios e o espírito de revolta do comunismo ressaltando ao mesmo tempo o princípio da caridade cristã, sem a qual nenhuma solução da questão social é possível, segundo ensina a Igreja.

Ora, nada ou quase nada disto tem feito a CNBB.

Nestas condições, é praticamente impossível evitar que muitos católicos engajados nas melhorias sociais passem a ver nos comunistas bons companheiros de luta, e em boa medida até companheiros de ideal. E isso os torna vítimas naturais da propaganda comunista. Começam por sentir-se “*companheiros de viagem*”, formam uma esquerda “católica” impregnada de espírito de revolta e sedenta de reivindicações sociais. E daí chegam a todos os desacertos do socialismo “católico”, quando não do comunismo. E assim, através do esquerdismo “católico”, são sugados para o comunismo, arrastando consigo, como cauda, toda a área da opinião que conseguem sensibilizar.

11. Alcance da ação da CNBB nos acontecimentos presentes

De que alcance é, na realidade, esta triste interferência da CNBB e de tantos organismos oficiais católicos nos acontecimentos de hoje? – Cumpre distinguir.

O Brasil é um país fundamentalmente católico, de tal sorte que, mesmo sobre os brasileiros que vivem afastados dos Sacramentos, a voz da Igreja exerce ponderável medida de influência.

Documentação direta sobre a matéria pode ser fartamente colhida no livro “*Uma Igreja que nasce do Povo*”(Editora Vozes de Petrópolis, 1975), que apresenta os textos e conclusões do I encontro nacional de Comunidades de Base, realizado em Vitória de 6 a 8 de janeiro de 1975.

⁴⁵ D. Antônio de Castro Mayer publicou durante todo este período importantes obras anticomunistas, perfeitamente ignoradas pela CNBB. Além das já citada “**Carta Pastoral sobre problemas do apostolado moderno**” e “**Carta Pastoral sobre Cursilhos de Cristandade**”, os seguintes documentos: “**Carta Pastoral prevenindo os diocesanos contra os ardis da seita comunista**” (1961); “**Instrução Pastoral sobre a Igreja**” (1965); “**Carta Pastoral – Considerações a propósito da aplicação dos documentos promulgados pelo Concílio Ecumênico Vaticano II**” (1966); “**Carta Pastoral sobre a preservação da Fé e dos bons costumes**” (1967); “**Pelo casamento indissolúvel**” (1975). Todos estes documentos tiveram ampla divulgação. A última Carta Pastoral ultrapassou a casa dos 100 mil exemplares.

Assim, hoje como ontem, se a Igreja se levantasse como um só corpo contra o comunismo, este perderia, dentro em pouco, a possibilidade de conquistar a opinião pública.

A ação dos Poderes Públicos se exerceria então fácil e desembaraçada, contra os pequenos focos de penetração comunista, completamente isolados da opinião nacional.

Todos à uma, os brasileiros das várias correntes políticas, eliminando as infiltrações que o Presidente Geisel denunciou nas respectivas fileiras partidárias, poderiam trabalhar fraternalmente ajudando o País a prosperar em plena borrasca da economia mundial. E poderiam estudar, planejar e executar as reformas políticas, sociais e econômicas que seu patriotismo lhes sugerisse.

De todos estes benefícios nos priva a esquerdização lamentável dos meios católicos, que vimos descrevendo.

Essa esquerdização abre inesperadas e fundas vias de acesso e circulação, nas várias camadas do País, para a ação doutrinária comunista, direta ou indiretamente soprada por Moscou e Pequim.

Com isso, os núcleos subversivos proliferam e encontram possibilidades de ação política realmente perigosas.

Desta forma se tornam indispensáveis, em sua atual magnitude e em grau ainda crescente, as leis e os organismos de repressão anticomunista, contra os quais esse mesmos meios católicos são os primeiros a bradar.

12 . Que resta a fazer?

Esta longa enumeração de fatos confrangedores não tem sentido negativista. É um doloroso rol de problemas. Um rol feito com intuito altamente positivo, isto é, a procura de uma solução.

Que resta aos católicos fazer, no próprio terreno religioso, para obviar os males decorrentes da ação da CNBB?

Dizemos “no terreno religioso”, porque o emprego de medidas de ordem estritamente legal contra Autoridades eclesiásticas tem sido evitado quanto possível na área civil ou militar, em virtude de considerações táticas de uma evidente sabedoria.

Com efeito, certos textos, como por exemplo, os de D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia, que reproduzimos no início deste estudo, dão a impressão de que o autor deseja provocar os poderes públicos a tomar medidas punitivas que uma parcela da opinião católica talvez não compreendesse.

O remédio para essa espinhosa situação só pode provir, pois, dos próprios meios católicos. E isso nos leva às considerações finais do presente estudo panorâmico.

* * *

Constituem os meios esquerdistas na Igreja elementos heterogêneos:

- A) nitidamente esquerdistas;
- B) os centristas que fazem coro com os esquerdistas, por oportunismo, por ingenuidade, por mal entendido espírito de disciplina ou de fraternidade cristã;
- C) os órgãos diretivos da CNBB, os organismos eclesiásticos ou civis dela dependentes, que em sua maioria estão na mão de elementos acima, e cuja voz, portanto, não é senão uma ampliação da voz deles.

Mas, por mais impressionante que à primeira vista pareça esse conjunto, uma análise atenta mostra que o esquerdismo católico, muito menos poderoso do que parece, facilmente pode ser contido.

Com efeito, antes de tudo ficam de fora desse conjunto os grupos e personalidades católicas, eclesiásticos ou leigos, que combatem com denodo o Moloch esquerdista, dentro e fora da

Igreja. Não constituem senão uma minoria. Mas a ação desta minoria tem chegado largamente ao público⁴⁶. E tem sido suficiente para que uma parte desse público faça coro com ela, e a outra parte se mantenha em silêncio, pondo seriamente em dúvida a autenticidade católica da esquerda religiosa. Este efeito, de grande alcance, se tornará ainda mais importante à medida que a esquerda católica se for radicalizando e *ipso facto* se for desmascarando. Pois ela mesma dará assim uma credibilidade crescente à voz dos que a denunciam.

Desde já, em torno da aliás vasta esquerda católica se vai fazendo um isolamento ainda maior que ela. Assim, a TFP pôde afirmar ao Emmo. Cardeal Arns, Arcebispo de São Paulo, a propósito da “Declaração de Itaici”:

“Não se iluda, porém, Eminência. Nosso povo continua a encher as igrejas e a freqüentar os Sacramentos. Disto não deduza Vossa Eminência, entretanto, que ele abdicou das convicções e dos ideais que o inspiraram na gloriosa epopéia de 1964.

Atitudes como a dos signatários do documento de Itaici vão abrindo um fosso cada vez maior, não entre a Religião e o povo, mas entre o Episcopado paulista e o povo.

A Hierarquia Eclesiástica, na própria medida em que se omite no combate à subversão comunista, vai se isolando no contexto nacional. E nos parece indispensável que alguém lhe diga que a subversão é profunda e inalteravelmente impopular entre nós, e que a Hierarquia paulista tanto menos venerada e querida vai ficando, quanto mais bafeja a subversão”.

Para onde caminhará, em matéria religiosa e cívico-religiosa, essa imensa grei que a ação desastrada de tantos Pastores vai afastando deles?

De nenhum modo receamos dela uma revolta contra a Igreja. Pois é precisamente pelo espírito de hierarquia, pelo amor à disciplina religiosa, que essa grei discerne quanto se vão afastando da missão que a Igreja lhes confiou, os Pastores transviados nas sendas da esquerda.

Mas o normal da grei fiel é de viver sob a influência e o mando de seus Pastores. E toda situação não normal está sujeita a riscos. Entretanto, nas fileiras do Episcopado e do Clero, das Ordens e das instituições religiosas, há tantas vozes que se calam.

Não é nosso propósito aqui ressaltar quanto esse silêncio discrepa de seus mais graves deveres. Antes preferimos ver os motivos de esperança que nesse silêncio talvez ainda se encontrem.

Às personalidades assim postas em silêncio, não faltariam louvores e vantagens de toda ordem, caso resolvessem falar em favor da esquerdização da Igreja e do País.

Se não o fazem, resistem presumivelmente a pressões enigmáticas e penosas de enfrentar. E sofrem no silêncio. Há nesse procedimento um aspecto de desinteresse que cumpre não esquecer.

Importa, com efeito, não ver em tal silêncio apenas a posição cômoda de quem está longe da luta. Mas também o desapego e a retidão que evitam obstinadamente a complacência ativa com o mal.

Nesta situação aflitiva para a Igreja e para o País, rezação e gemerão aos pés do altar estes “*Silenciosos*”, que lembram em larga medida a “*Igreja do Silêncio*” do Chile? Esta última, constituída principalmente por leigos, reduzidos ao silêncio por escrúpulos de consciência inconsistentes mas explicáveis, ante uma Hierarquia muito majoritariamente esquerdista; a “*Igreja do Silêncio*” do Brasil, constituída por uma considerável maioria de Bispos e sacerdotes

⁴⁶ Para não falar senão da ação da TFP, que é a maior das organizações civis anticomunistas do País, eis alguns dados sobre as imensas faixas de território percorridas pelas Caravanas de seus jovens sócios e cooperadores em 1975:

Estados percorridos: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. – **Cidades visitadas:** 1.232. – **Publicações vendidas:** 137.277.

Além disso, conta a TFP com cooperadores e correspondentes disseminados por todo o País.

emudecidos na tormenta doutrinária que sacode os meios católicos, e de certo número de fiéis sujeitos aos mesmos escrúpulos de consciência dos chilenos, seus irmãos na Fé. – É de presumir que rezem e gemam ante o Senhor os Silenciosos brasileiros.

A eles dedicamos muito especialmente o resumo em nosso idioma do importante livro chileno. Fazemo-lo com veneração e com afeto cristãos.

Ponderem que se há “*tempus tacendi*”, há também “*tempus loquendi*”: há tempos em que convém calar, mas há tempos em que convém falar (Ecle. 3, 7).

A evidência dos fatos mostra que, se é que houve um tempo em que nas matérias aqui tratadas conveio calar, já ele vai longe, tragado na voragem dos fatos. E que o tempo de falar de há muito está aberto para os defensores da Casa do Senhor.

Na mão dos Silenciosos, pôs Deus todos os meios que ainda podem remediar a situação: são eles numerosos, dispõem de posições, de prestígio e de cargos.

Atuem. Nós lho imploramos. Falem, ensinem, lutem. O anjo protetor de nossa Pátria os espera para os confortar ao longo dos prélios.

E Nossa Senhora Aparecida, Rainha do Brasil, lhes prepara sorridente o cêntuplo prometido já nesta terra aos que abandonam tudo por amor ao Reino dos Céus.

E estremeçam eles por fim, na presença de Deus, estudando na tragédia chilena, o que, de um modo ou de outro, poderá nos acontecer se não fizerem sentir toda a sua autoridade e prestígio, no bom combate.

Apêndice

Como devem agir os Bispos, na perspectiva de o comunismo tomar conta do Brasil – Organismo episcopal paranaense propõe um modelo

Estava concluído o presente estudo, quando nos chegou às mãos um pronunciamento, ocupando uma página inteira de jornal, intitulado “A Igreja do Vietnã está disposta a sobreviver”, publicado pela Regional Sul II, setor oficial da CNBB composto por dois Arcebispos e dezessete Bispos do Estado do Paraná (cfr. “Voz do Paraná”, hebdomadário católico de Curitiba, semana de 25 de abril a 1^o de maio de 1976).

Evidencia ele com uma tal exuberância a que ponto chegou a esquerdização em meios católicos - mesmo muito altos - do País, que se presta a comentários tão amplos quanto os que fizemos a propósito dos pronunciamentos de Dom Casaldáliga.

A fim de não alongar por demais o trabalho, consignamos apenas alguns desses comentários.

Pode causar surpresa que um tão qualificado organismo do Episcopado paranaense se ocupe muito extensamente da tragédia vietnamita do que o fizeram a imprensa católica e quase toda a imprensa leiga do País. O objetivo da Regional Sul II da CNBB é entretanto muito explícito. Consiste em mostrar que o Episcopado e os fiéis brasileiros se devem inspirar na conduta da Igreja vietnamita, caso lhes sucedam catástrofes análogas à que desabou sobre o Vietnã. Ou seja, caso o comunismo tome conta do Brasil.

Diz a Regional Sul II:

“A disposição da Igreja vietnamita leva a crer que ela não está apenas fazendo uma “tentativa” de coexistência com o regime comunista. [...] Nesse momento, quem sabe, *essa Igreja*

dos confins da Ásia **nos dará o primeiro exemplo de como a Igreja pode existir e agir eficazmente na sua missão salvadora, sob um regime de “ditadura do proletariado”** (o destaque em negrito é nosso).

* * *

Quais as lições segundo esse documento episcopal – que o exemplo da Hierarquia vietnamita ministra a nosso povo?

Primeiramente, que as estruturas vigentes antes da vitória comunista eram corrompidas, despóticas e exploradoras. Elas mantinham o povo num pauperismo imerecido e revoltante.

Ante essa situação, a missão da Igreja não era adequadamente realizada pelos Sacerdotes que colaboravam com o regime, e obtinham em troca toda a liberdade para o culto e a evangelização, bem como os recursos econômicos para fazer subsistir a estrutura eclesiástica.

Pois – e é esta a terceira lição – acima da própria tarefa de evangelizar, o Clero tem a de lutar pelo bem-estar material da população. E por isto deve preferir aos aliados que a ajudam com prejuízo do povo, os inimigos que a perseguem mas fartam o povo.

Diante da instauração do regime comunista com sua seqüela de cruéis decepções para os inocentes-úteis, e de atos até brutalmente ditatoriais no campo religioso e civil, a atitude da Hierarquia deve ser da mais inteira passividade. Permita-se a destruição de toda a estrutura eclesiástica: o mal é compensado pela supressão abominável do regime anterior.

Trata-se, pois, de uma passividade – entristecida, talvez – mas consolada e benevolente, pois o mal feito pelo comunismo é menor que o mal anterior que ele faz cessar.

Tal passividade, que é exemplo e diretriz para o Clero e para os fiéis, importa em uma verdadeira colaboração com o comunismo, pois tende a sufocar qualquer reação religiosa, transformando os católicos em robôs do regime vermelho.

A última lição está na convicção de que, mesmo se o regime comunista destruir as igrejas (e, ao que parece, também a Hierarquia) *“a fé se manifestará assim mesmo no povo, no trabalho quotidiano desse povo para reconstruir uma Pátria que, a Igreja espera, será justa e sadia”* (documento citado).

Essas palavras parecem evocar ao espírito a quimera de uma Igreja “profética” ou “carismática”, sem vida metódica nem estruturas definidas, cuja missão consiste muito menos na oração com vistas à vida eterna do que num trabalho material para o bem-estar da pátria terrena *“justa e sadia”*.

* * *

Esse esquema, todo feito de falsidades históricas, de erros e meias verdades em matéria religiosa, se parece de modo chocante com a surrada cantilena do esquerdismo brasileiro: as estruturas aqui vigentes, apoiadas até há pouco por um Clero rançoso, exploram o povo. Haverá vantagem em que elas sejam derrubadas, ainda que com a colaboração dos comunistas, e mediante a aceitação da vitória destes.

O que as cantilenas esquerdistas têm omitido de prever, no Brasil, é o resultado dessa conduta para a Igreja, e a atitude que deverá tomar a Hierarquia ante esse resultado.

O documento da Regional Sul II da CNBB – um verdadeiro manifesto – explica que o resultado será a chibata e a perseguição religiosa, o dever consistirá na passividade colaboradora e benévola, e a esperança parece residir no surgimento de uma Igreja profética e carismática, eventualmente sem estruturas nem necessidades econômicas, adaptada ao clima do regime vitorioso.

A colaboração com o comunismo não terá, aliás, somente o caráter de pregação da submissão passiva. Importará, como vimos, na exortação ao trabalho *“quotidiano”* em prol da *“Pátria que, a Igreja espera, será justa e sadia”*... sob regime comunista.

* * *

Tudo isso parece uma enormidade inacreditável.

Terá realmente ido tão longe, ou antes, terá descido tão baixo, o órgão representativo dos Srs. Arcebispos e Bispos do Paraná? – A pergunta é cabível. Mas os textos do documento aqui analisado não deixam margem a dúvida. Ei-los:

A Regional Sul II da CNBB, num longo histórico, apresenta Ho Chi Minh não como o guerrilheiro comunista que quer implantar o marxismo no país, mas como o patriota herói que numa “*escalada lenta mas implacável*”, “*luta pela independência*” contra os dominadores estrangeiros, os franceses primeiro, os americanos depois.

Quando os franceses capitulam – continua a narrar a Regional Sul II – e a Igreja local foge para o Sul, não o faz senão por má consciência e medo de represálias, “*sentindo que suas antigas ligações com o colonizador estrangeiro poderiam custar-lhe caro*”.

A presença de “*brancos*” é vista pela Regional Sul II simplesmente como um “*desastre*”: a prostituição, a destruição de um sem número de lares, a corrupção em todos os escalões da vida pública, a destruição dos “*princípios milenares da terra*”, tudo é culpa dos brancos. “*A Igreja não podia mais ignorar a presença demolidora dos estrangeiros*”. E em tudo isso tinham muita culpa os católicos, pois “*na cúpula do poder estavam as classes católicas mais favorecidas e também mais corruptas, e entre elas o próprio Thieu*”.

O organismo episcopal paranaense explica que a Hierarquia mudou então oficialmente de posição. Condenou os bombardeios contra o Norte, passou a pedir a retirada dos americanos e a trabalhar pelo afastamento de Thieu, a fim de alcançar a “*prioridade das prioridades, o fim da guerra, a volta da paz*”. Mas isto não seria possível “*enquanto os revolucionários do sul [isto é, os comunistas do GRP e da FLN, lembramos] não tivessem o direito de participar de um novo governo constituído para a reconciliação nacional*”.

A obstinação de Thieu e dos Estados Unidos, entretanto, fez fracassar o plano do governo de reconciliação nacional.

O GRP (Governo Revolucionário do Povo, do Vietnã do Sul) e o Vietnã do Norte desencadearam no início de 1975, a ofensiva final, a operação Ho Chi Minh. “*O fato de eles chamarem esta operação pelo nome do profeta, do Pai da Revolução, é significativo da certeza que eles tinham da vitória*”- pondera a Regional Sul II (os destaques em negrito são nossos). Assim caiu o Vietnã, “*um edifício podre dentro do qual os privilegiados faziam festa*”. Mas desta vez, “*a Igreja, ao contrário do que ocorrera em 1954, no Norte, comportou-se de maneira corajosa*”. Em vez de fugir, permaneceu em seu posto e apelou para que a população não deixasse as aldeias que os comunistas passariam a dominar. “*A Igreja de 1975 não era a mesma daquela de 1954*”.

Mas – continua ainda a Regional Sul II – logo veio a “*decepção no seio da Igreja e de todos os partidários da “Terceira Força”. [...] Os vitoriosos não abriram mão de sua vitória, e já começavam a impor sua “libertação” pela força [...] conduzindo o país inexoravelmente no caminho de “seu” socialismo*”. [...] A decepção é grande. Mas a Igreja continua confiando”.

E a Regional Sul II da CNBB passa a reproduzir entre aspas os seguintes tópicos (sem lhes mencionar, aliás, o autor): “*Que importa que o regime expulse os missionários estrangeiros se temos nosso próprio clero formado, maduro, e perfeitamente integrado com seu povo? E no fundo, os missionários e as Igrejas não eram, eles também, o símbolo da miséria e da dominação de nosso povo? [...] O regime que ‘libertou’ nosso povo, pode agora escravizar nossa Igreja [...]. Mas o que importa a Igreja ir às catacumbas se o povo – que é sua missão primeira e única – este vive finalmente em paz, tem trabalho, e sobretudo dignidade?*” (o destaque em negrito é nosso).

E a Regional Sul II comenta entusiasmada: “*Está aí um dos maiores exemplos da história recente da Igreja em que ela aceita se auto-sacrificar (se imolar) pelo bem do povo que ela serve*”.

A frase faz lembrar o misterioso processo de “*autodemolição*”, a que alude Paulo VI (Alocução ao Seminário Lombardo de 7 de dezembro de 1968 e Sermão de 29 de junho de 1972).

O documento da Regional Sul II termina com considerações a respeito da Carta Pastoral do Arcebispo de Saigon, Dom Nguyen Van Binh, do dia 31 de agosto do ano passado:

*“Dom Binh conhece os comunistas e seus regimes. [...] Ele sabe das humilhações que os comissários políticos do Vietnam do Norte fazem para os cristãos do Sul. Ele sabe também que quando os sinos tocam numa aldeia não é para chamar a população à oração e sim para reuni-la compulsoriamente, a fim de explicar-lhe, noite a dentro, estômagos vazios, os mandamentos de Ho Chi Minh. Enfim, Dom Binh sabe das dificuldades presentes e futuras de sua Igreja do Vietnam. Ele não faz ilusões sobre a flexibilidade de tais regimes. Entretanto, esperando contra toda esperança, crendo firmemente no papel de uma Igreja **identificada com seu país e suas realidades** [com seu regime comunista, portanto], ele afirma: “Deus vem ao nosso encontro na história. Deus só se revela na história e na vida do homem. [...] Inclusive hoje, nesses dias memoráveis do nosso povo. Não temos **nenhum** motivo para não aceitarmos com alegria **todos os valores da revolução**. [...] Uma sociedade nova está surgindo. Nosso povo **reabilita os direitos humanos**, reconhece o valor do trabalho, a fim de que todos juntos formemos uma sociedade justa, fraternal” (os destaques em negrito são nossos).*

E para que não haja dúvida sobre o verdadeiro sentido de suas afirmações e comentários, a Regional Sul II continua: *“Conhecendo os desígnios do novo regime, o Arcebispo de Saigon tem **assim mesmo** a coragem de afirmar: “A Igreja é uma organização aberta e não uma sociedade secreta. E aberta significa colaborar com os que estão a serviço do homem. Parece-me que atualmente, **em nossa sociedade revolucionária encontram-se muitas ocasiões para viver este espírito de colaboração**. Em vez de nos inquietarmos inutilmente, apliquemo-nos a fortificar nossa fé” (o destaque em negrito é nosso).*

* * *

Fica assim apresentado pela Regional Sul II da CNBB, para os nove milhões de habitantes do Paraná, o “modelo” do Bispo colaboracionista do dia de amanhã, desde que o Brasil, por sua vez, derrube o que o jargão esquerdista chama “oligarquias corruptas” e “estruturas podres”.

Tão longe nem D. Helder chegou, sequer.

A Regional Sul II da CNBB aposta corrida com D. P. Casaldáliga. É a “nova vaga” de 1976 tão mais desinibida do que a que nos estarrecia nos dias longínquos e gloriosos de 1964.

* * *